



# **PERSPETIVAS DE PROFESSORES DE 1º CICLO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

---

**FILIPA PALOS**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Maio de 2023

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

# **PERSPETIVAS DE PROFESSORES DE 1º CICLO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Autora: Filipa Palos

Orientador: Professor Doutor Marco Ferreira

Maio de 2023

## **Agradecimentos**

Diria que o agradecimento é a forma mais elevada de pensamento e que a gratidão é a felicidade duplicada pela admiração. (GK Chesterton)

Por esse motivo, era necessário expressar o meu profundo agradecimento a todas as pessoas e instituições que, de algum modo, contribuíram para a concretização deste relatório que se destina à finalização do mestrado de qualificação para a docência.

Ao André, pelo seu companheirismo e por me incentivar a atingir metas pessoais e profissionais, e também à sua família, pela forma generosa com que me acolheram.

Ao meu Orientador Professor Doutor Marco Ferreira pela sua disponibilidade e apoio ao longo de todo este projeto.

Ao Professor Doutor Ricardo Machado por me ter acompanhado em diversos momentos do meu mestrado, demonstrando sempre boa vontade e compreensão.

A todos os professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico que despenderam o seu tempo, de forma a contribuírem para a recolha de dados que sustentou este relatório.

À minha mãe, por me incutir curiosidade pelo mundo e o gosto pela transmissão de conhecimento.

Agradeço também a colegas e amigas que me deram sugestões e confiança para prosseguir no caminho da Educação.

Agradeço ainda ao Instituto Superior de Educação e Ciências por ter possibilitado a realização desta prova e a sua defesa, assim como pelos conhecimentos e experiências que adquiri ao longo da minha Licenciatura e Mestrado.

## **Resumo**

Presentemente, existe uma grande diversidade de alunos que frequenta a escolaridade obrigatória e essa multiplicidade de vivências e níveis de aprendizagem sugere à Escola e aos professores, a necessidade de organização para que as respostas educativas contemplem a especificidade de cada aluno. A diferenciação curricular, é uma prática diferenciada desenvolvida pelos docentes que aliada à reflexão, permite traçar respostas educativas e assegurar o processo de inclusão numa Escola Inclusiva. Aos professores cabe a árdua tarefa de transmissão de conhecimentos, de forma o mais dirigida possível a cada aluno, refletindo a sua singularidade. O presente estudo utiliza uma metodologia qualitativa com o propósito de averiguar percepções e práticas dos professores sobre a Educação Inclusiva, através de entrevistas semiestruturadas a 10 docentes. A análise dos dados obtidos permite responder a questões orientadoras que nos permitiram traçar a investigação de índole interpretativa. É possível analisar práticas pedagógicas diferenciadas efetivadas pelos professores, assim como as dificuldades que são encontradas, tanto a nível do currículo, como do número de alunos por sala de aulas, ou a falta de recursos, que tornam difícil, a sua implementação, no período atual, assim como num período específico, o de pandemia. Outro aspeto que foi analisado, prende-se com as formações específicas adquiridas pelos professores, de forma a atender às singularidades de cada aluno, no decurso do seu processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Diferenciação Pedagógica; Formação de Professores

## **Abstract**

Currently, there is a great diversity of students who attend compulsory schooling and this multiplicity of experiences and levels of learning suggests to the School and the teachers the need for organization so that the educational responses contemplate the specificity of each student. Curriculum differentiation is a differentiated practice developed by teachers that, combined with reflection, allows for the design of educational responses and ensures the process of inclusion in an Inclusive School. Teachers have the arduous task of transmitting knowledge in a way that is as directed as possible to each student, reflecting their uniqueness. The present study uses a qualitative methodology with the purpose of investigating teachers' perceptions and practices about Inclusive Education, through semi-structured interviews with 10 teachers. The analysis of the data obtained allows us to answer the guiding questions that allowed us to outline the investigation of an interpretative nature. It is possible to analyze differentiated pedagogical practices carried out by teachers, as well as the difficulties that are encountered, both in terms of the curriculum, such as the number of students per classroom, or the lack of resources, which make their implementation difficult, in the period current, as well as in a specific period, the pandemic. Another aspect that was analyzed, relates to the specific training acquired by teachers, in order to meet the singularities of each student, in the course of their teaching-learning process.

**Keywords:** Inclusive Education; Pedagogical Differentiation; Teacher training

## Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Palavras-chave .....	iv
Abstract.....	v
Keywords .....	v
Índice .....	vi
Índice de anexos .....	vii
Introdução .....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
1.1. Educação Inclusiva – percursos e orientações .....	3
1.2. Diferenciação Pedagógica, diversidade e flexibilidade .....	7
1.3. Formação e desenvolvimento profissional de professores .....	11
CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO .....	13
2.1. Metodologia.....	13
2.1.1. Contextualização do estudo, objetivos e questões orientadoras.....	14
2.1.2. Participantes .....	15
2.1.3 Instrumento de recolha de dados.....	16
2.1.4. Procedimentos de análise de dados .....	17
3. Apresentação dos resultados.....	20
4. Discussão dos Resultados.....	33
Considerações finais .....	40
Referências bibliográficas .....	43
Anexos .....	46

## **Índice de anexos**

### Anexo I - Unidades de análise temática

1. <sup>a</sup> Unidade de análise .....	47
2. <sup>a</sup> Unidade de análise .....	74

## **Introdução**

O presente projeto está integrado na Unidade Curricular do Relatório Final, pertencente ao segundo ano de Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrada no Instituto Superior de Educação e Ciências. Este relatório final intitulado de “ Perspetivas de Professores de 1º ciclo sobre a Educação Inclusiva” tem como objetivos primordiais: enunciar concepções dos professores sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica; identificar práticas educativas desenvolvidas em sala de aula em contexto de educação inclusiva; compreender as barreiras que poderão existir no processo de diferenciação curricular em sala de aula e identificar práticas educativas desenvolvidas em período excecional de pandemia.

Atualmente, o ensino, determina que o papel primordial no desenvolvimento da inclusão nas salas de aula, cabe ao professor. De acordo com Ferreira (2022), a atitude do professor representa um papel importante no desenvolvimento e na aprendizagem dos seus alunos, sendo fundamental para o sucesso de qualquer mudança educacional, particularmente a construção de uma escola inclusiva. Neste estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa, baseada na recolha de testemunhos de 10 professores de 1º ciclo a partir de um guião de entrevista semiestruturado. A metodologia científica utilizada representa um conjunto de etapas que foi seguido de forma a desenvolver a investigação deste estudo. Nessas etapas estão incluídas: a escolha do tema, o planeamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a recolha e a apresentação de dados, a análise dos resultados, a elaboração das conclusões e a divulgação de resultados. O presente Relatório Final encontra-se dividido em 5 partes distintas: a introdução, o capítulo do enquadramento teórico, o capítulo do estudo empírico, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos. Na introdução são apresentados os objetivos primordiais deste projeto e é enumerada a organização do projeto. É também apresentada a perspetiva pessoal relativamente aos conhecimentos adquiridos com a realização deste relatório. No capítulo dedicado ao enquadramento teórico do Relatório Final, são mencionados os aspetos fulcrais da temática em estudo.

O enquadramento teórico encontra-se dividido em duas temáticas gerais: a primeira, ligada à mudança da escola integrativa para a escola inclusiva, desde a consagração da Declaração de Salamanca, às mudanças legislativas no modelo educativo português até culminar, no modelo atualmente vigente. A segunda, ligada às metodologias que definem uma escola inclusiva, através da diferenciação pedagógica e de estratégias de trabalho de trabalho em sala de aula. A formação de professores é também abordada nesta temática. O capítulo do estudo empírico encontra-se dividido em três partes distintas. A primeira parte é dedicada à metodologia de investigação, onde são enumerados os objetivos do estudo e são colocadas questões orientadoras, seguindo-se a descrição dos participantes selecionados para a concretização deste estudo e a apresentação do guião de entrevista. Na segunda parte pretende-se dar a conhecer os resultados obtidos através do estudo e apresentar a análise desses mesmos resultados. A terceira parte deste capítulo, destina-se à discussão dos resultados obtidos. Nas considerações finais procura-se desenvolver uma reflexão crítica acerca da informação analisada e são sugeridas algumas propostas de atuação pedagógica no campo da inclusão. No final do projeto constam as referências bibliográficas consultadas para a realização deste trabalho, essenciais para a fundamentação do projeto e realização do estudo empírico. Em anexo são apresentadas duas unidades de análise, sob a forma de quadro de apresentação das respostas dos entrevistados e uma tabela com definição dos temas, subtemas e unidades de registo. Considero que a realização deste estudo empírico debruçado sobre a área da Educação contribuirá para a minha formação profissional, mas também para enriquecimento pessoal, tendo em conta todo o processo para a realização do mesmo.

## **I - Enquadramento Teórico**

Neste primeiro capítulo do projeto, intitulado de enquadramento teórico, são mobilizados e explorados, diversos conhecimentos relacionados com a temática em estudo. Estabelece-se uma passagem de um modelo integrativo para um modelo escolar inclusivo e realiza-se um enquadramento temporal da legislação adotada em Portugal até à atualidade. São também apresentadas metodologias e estratégias que definem uma escola inclusiva e é explorada a temática de formação de professores.

### **1.1 Educação Inclusiva – percursos e orientações legislativas**

Anterior à terminologia da inclusão, o termo integração era utilizado para representar um conjunto de medidas e práticas que eram desenvolvidas nas escolas, de forma a permitir a participação de alunos com deficiência em contexto de sala de aula. Segundo Correia (1999), a integração de crianças com deficiência devia estar de acordo com as suas necessidades e características num meio o menos restrito possível, devendo a escola encontrar a forma de integração mais adequada. Procurava-se assim criar condições de participação semelhantes aos seus pares que não apresentavam deficiências, havendo adequação de conteúdos e recursos ao seu nível de aprendizagem. De acordo com Rodrigues (2008, p.19) “a proclamação da Declaração de Salamanca é mudança de paradigma da escola integrativa para a escola inclusiva”. Ela reúne as conclusões finais da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, que foi organizada pela UNESCO e celebrada em Salamanca, no ano de 1994. Está presente na Declaração de Salamanca (1994, p. 10), a ideia que a integração escolar, não é apenas uma medida a ser tomada, mas estabelece a conceção da universalização do acesso à educação para todos, com “prioridade política e financeira para o desenvolvimento dos seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças, independentemente de suas diferenças ou dificuldades individuais”.

A declaração procurou promover a educação para todos, especialmente no que se refere ao potencial e capacidades de todos os alunos, considerando que a escola deve ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. É reforçada a ideia que cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagens que lhes são próprias e que alunos com necessidades educacionais específicas devem ter acesso às escolas regulares, que “deverão integrá-los numa pedagogia centrada na criança” (Salamanca, 1994, p.15), que procure corresponder a essas necessidades. Esta declaração procurou estabelecer como objetivos centrais, o acesso de todas as crianças com necessidades educativas especiais (NEE), que designou como “todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades” a oportunidades de educação de forma igualitária e que essas mesmas oportunidades se concretizassem numa educação de qualidade. A Declaração de Salamanca considera também a colocação de alunos em classes especiais ou escolas especiais mas apenas quando a educação regular é totalmente incapaz de dar uma resposta adequada. As escolas que a Declaração define como inclusivas são aquelas que desenvolvem a coordenação de esforços de diversos intervenientes como professores, pais, técnicos especializados e assistentes operacionais, que em colaboração, fazem um trabalho de avaliação das necessidades educativas dos alunos e a intervenção atempada e adequada a essas necessidades, garantindo apoio adicional e mobilização de espaços e instrumentos pedagógicos, caso sejam necessários. A formação dos professores é vista pela declaração, como primordial, de forma a habilitar os docentes para a prática dos princípios da inclusão. Na busca de soluções é citado, no documento, um projeto da Unesco de formação de professores, intitulado “As Necessidades Especiais na Aula”, que consiste na elaboração e distribuição de um conjunto de documentos, com orientações e com materiais de apoio disponíveis aos professores, de forma a poderem responder à diversidade de alunos. É também acentuada a dificuldade existente na formação de todos os professores, no sentido de ser necessário propiciar condições dentro e fora do ambiente escolar, para a busca de informação, incentivando também o professor a explorar técnicas e materiais inovadores, de forma a desenvolver o seu potencial pedagógico no âmbito das práticas de inclusão em sala de aula.

“A formação no emprego deverá, quando possível, efectuar-se em cada escola mediante a interacção com formadores, recorrendo ao ensino à distância e a outras técnicas de auto-aprendizagem” (Salamanca, 1994,p. 38).

A legislação que introduziu a viragem no modelo de trabalho escolar com alunos com dificuldades de aprendizagem, em Portugal, foi a Lei de Bases do Sistema Educativo 46/86, de 14 de Outubro que define como um dos seus objetivos, “assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades” (art.º 7º), sendo do âmbito e objetivos da Educação Especial, que constitui uma das modalidades especiais de educação escolar, a sua recuperação e integração sócio educativas. Mais tarde, é publicado o Decreto-lei nº 43/89 de 3 de fevereiro, que determina a necessidade de “desenvolver mecanismos que permitam detetar a tempo dificuldades de base, diferentes ritmos de aprendizagem ou outras necessidades dos alunos que exijam medidas de compensação ou formas de apoio adequadas nos domínios psicológico, pedagógico ou socioeducativo”. É com o Decreto-Lei nº 319/91 de 23 de Agosto que se regulamenta um modelo de atuação para a educação de alunos com NEE, permitindo adaptações curriculares, de materiais, de avaliação e de apoio pedagógico acrescido, contudo o trabalho de apoio era realizado fora da sala de aula, com professores de Educação Especial, de forma a não interferir com a aprendizagem dos restantes colegas. A expressão Educação Inclusiva surge mais tarde, com a publicação do Despacho nº 105/97 de 1 de julho, criando assim uma opção de orientação inclusiva em Portugal. O princípio da educação inclusiva assenta essencialmente no facto de escola assumir um papel adaptativo para receber o aluno com NEE. Cabe assim à escola encontrar adequações curriculares e procurar encontrar metodologias adequadas às necessidades específicas dos seus alunos. O apoio ao aluno passa a ser dado em sala de aula, permitindo que este acompanhe a turma e mantenha uma maior ligação ao professor de ensino regular. Seguiu-se o Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro que assentava em pressupostos do modelo de educação inclusiva e da escola para todos e definia os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, assim como definia o papel dos encarregados de educação, no sentido da responsabilização e participação no processo de referenciação e elaboração de plano educativo do seu educando.

Com o Despacho nº 6478/2017 de 26 de julho foi criado um referencial para as decisões a adotar nos estabelecimentos de educação e ensino constituindo-se como matriz comum para todas as escolas, tanto ao nível curricular, como no planeamento, na realização e na avaliação do ensino e da aprendizagem. O Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho é a legislação atualmente vigente que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva. Este decreto-lei segue como orientação a necessidade de cada escola reconhecer a diversidade dos seus alunos, mobilizando os meios de que dispõe para a adequação dos processos de ensino às características e condições individuais de cada aluno. A terminologia Necessidades Educativas Especiais (NEE) deixa assim de fazer sentido, visto que todos os alunos poderão atualmente receber algum tipo de apoio ou adequação de medidas pedagógicas mediante as dificuldades que são detetadas pelos professores e técnicos escolares e com base nessa avaliação, poderão ser acionadas as medidas necessárias. Segundo Morgado (2009), para que a escola responda às necessidades educativas de maneira eficaz, deve basear-se num modelo em que os recursos humanos, materiais de planificação e apoio, interajam de forma que o objetivo final seja a melhoria das condições de ensino para todos os alunos. O modelo que foi criado para gerir os processos de aprendizagem assenta em três patamares de adaptações ao processo de avaliação que de acordo com o Decreto-Lei n.º 54/18 de 6 de Julho, são distribuídos da seguinte forma:

**Medidas Universais** - Acomodações Curriculares; Enriquecimento curricular; Promoção comportamento pró-social; Intervenção académica em pequenos grupos; Apoio tutorial preventivo e transitório.

**Medidas Seletivas** - Percursos Curriculares Alternativos; Adaptações Curriculares não significativas; Apoio Psicopedagógico; Antecipação e Reforço das Aprendizagens; Apoio tutorial.

**Medidas Adicionais** - Frequência do ano escolar por disciplinas; Adaptações curriculares significativas; Plano individual de transição; Metodologias e estratégias de ensino estruturado; Desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social.

Estas medidas permitem distinguir três níveis de dificuldade, com recurso a diferentes tipos de adaptação. Desta forma, qualquer aluno que apresente algum tipo de

dificuldade que afete a sua aprendizagem, sendo ela identificada pela escola, deverá ser proposto pela equipa multidisciplinar (professores, psicólogos ou outros técnicos) para se enquadrar no conjunto de adaptações do primeiro patamar, o das Medidas Universais. Se essas adaptações não forem consideradas suficientes ou adequadas ao tipo de dificuldades do aluno, poderá ser necessário adequar ao segundo ou eventualmente ao terceiro patamar de medidas.

Uma escola inclusiva é um tipo de comunidade educativa cujas práticas respondem à diversidade dos seus alunos, atendendo às necessidades emocionais, académicas e sociais que os mesmos manifestam. (Improvement Throught Research in The Inclusive School, 2006). Para a sua concretização, é necessário uma exploração adequada dos recursos das escolas e o envolvimento de todos os intervenientes educativos. Para Ferreira et al (2015) a definição de escola inclusiva é uma escola que adapta o ensino e a aprendizagem às necessidades de cada aluno, aceitando e valorizando as diferenças, de forma a promover a igualdade de oportunidades.

## 1.2. Diferenciação Pedagógica, diversidade e flexibilidade

Para Rodrigues (citado em Belo, 2011) o currículo é, há muito, um dos dilemas da inclusão, visto que a diferenciação ou flexibilidade curricular, já está presente nos sistemas educativos, mas nem sempre numa perspetiva inclusiva. De acordo com Ainscow (1995), para se trabalhar o currículo de forma inclusiva seria necessário que todos os alunos tivessem um currículo comum mas com níveis diversificados, proporcionando a participação nas atividades do seu grupo. A diferenciação pedagógica é a resposta pedagógica que resulta da análise entre o aluno, com as suas características intelectuais e comportamentais, as suas aptidões e necessidades e a tarefa que lhe é pedida que realize. Está relacionada com conteúdos integrados num currículo que necessitam sempre de planeamento adequado face ao grupo de alunos existente e com uma adaptação mais específica e individualizada face à realidade que cada um deles apresenta. A diferenciação pedagógica está assim relacionada com as necessidades e as características individuais de aprendizagem de cada aluno, respeitando os seus diferentes ritmos de aprendizagem e adequando as

práticas educativas a essas mesmas necessidades individuais. Atualmente existe uma grande diversidade na população escolar, sobretudo relacionada com as diferentes vivências, interesses, desenvolvimentos cognitivos e diferentes tipos de aprendizagem dos alunos. Essa diversidade social e cultural entrecruza-se no ambiente escolar e conduz a uma necessidade de reestruturação da organização escolar. Para Silva (citado por Ferreira, 2015) a diversidade ajuda a perspetivar a diferença, a pensar em adequação pedagógica e em adequação curricular, de forma a permitir-nos planificar tendo a conta as características e necessidades dos alunos e as características dos ambientes onde eles interagem. Para uma pedagogia diferenciada, é necessário reorganizar a escola, proporcionando aos alunos, recursos físicos, humanos e materiais que possibilitem o desenvolvimento das suas aprendizagens, e mais especificamente no ambiente de sala de aula, caberá ao professor planificar o trabalho de acordo com as diferenças e necessidades dos alunos, deixando-os ser parte integrante dessa planificação. O papel do professor é crucial e será importante adotar flexibilidade para a modificação de planos de acordo com as necessidades prementes e demonstrar sensibilidade para lidar com essas mesmas necessidades.

De acordo com Ferreira (2015) torna-se importante para o professor, adotar maleabilidade e capacidade de improvisação, permitindo modificar os planos e as atividades em função das respostas individuais dos alunos. Para que educação inclusiva possa ser implementada têm de ser introduzidas nas salas de aula, estratégias e práticas diferenciadoras que atendam às necessidades específicas dos alunos, distanciando-se bastante das práticas mais tradicionais e para isso acontecer dependerá das atitudes, conhecimentos e capacidades dos professores para modificarem e inovarem as suas práticas, de forma a criarem ambientes de sala de aula (contextos) para um ensino que permita corresponder às necessidades e ao potencial dos seus alunos. De acordo com Morgado (2009), para que a escola responda a estas necessidades de maneira eficaz, deve basear-se num modelo em que os recursos humanos, materiais, de planificação e apoio interajam de forma que o objetivo final, seja a melhoria das condições de ensino para todos os alunos. Numa sala de aula inclusiva, a diversidade de características dos alunos, poderá incentivar as interações e propiciar aprendizagens que vão para além dos conteúdos académicos, ensinando-as a conviver com a diferença, a compreendê-la e respeitá-la.

De acordo com Ainscow, Porter e Wang (citados em Belo, 2011) as mudanças metodológicas e organizacionais necessárias à escola inclusiva, de forma a dar resposta à especificidade dos alunos, beneficiam todos os alunos da turma, pois os considerados com necessidades especiais passam a ser considerados como um estímulo para a promoção de estratégias destinadas a criar um ambiente educativo mais rico para todos. A relação das crianças entre si permite reforçar atitudes positivas, desenvolvendo a sua sensibilidade e compreensão pelas semelhanças ou diferenças individuais entre seus pares. “Todas as crianças, sem distinção, podem beneficiar das experiências obtidas no ambiente educacional” (Ferreira e Guimarães, 2003). A inclusão na escola traduz-se em benefícios para todos os alunos e para os professores. Os professores têm também assim oportunidade para trabalhar com outros profissionais (terapeutas, professores de apoio), permitindo um trabalho colaborativo que alivia um pouco o seu papel associado a este trabalho. Esta parceria permite a partilha de estratégias de ensino, uma maior monitorização dos progressos dos alunos, o combate aos problemas de comportamento, e o aumento da comunicação com outros profissionais da educação e com os pais (Correia, 2008). A organização e a gestão do espaço constituem também um fator importante a ter em conta para a implementação de uma educação que contemple a diversidade de situações de aprendizagem.

A sala de aula deve ser organizada, de forma, a que os diferentes materiais estejam à disposição dos alunos, facilitando o desenvolvimento da autonomia. Para uma maior organização e adequação, poderão ser criadas diferentes áreas de trabalho na própria sala de aula, permitindo uma maior acessibilidade dos alunos a esses materiais. Estas áreas e até mesmo os materiais devem ser renovados à medida da evolução das aprendizagens, permitindo uma utilização adequada à situação de ensino que o professor pretende experienciar. Assim que os alunos demonstrem dominar certas capacidades, devem ser incentivados a utilizá-las de forma autónoma. Deve-se proporcionar diversas oportunidades de trabalho autónomo, diminuindo sistematicamente a quantidade de apoio fornecido, promovendo assim a sua independência e desenvolvendo a sua autovalorização. Segundo Cardoso (2011) a promoção de momentos de trabalho autónomo na sala de aula, quer a disponibilização de materiais, levam a que o professor planeie a organização do trabalho, no tempo, no espaço e nos materiais, o que implica despender esforço e tempo na planificação, que é realizada tendo em conta a classe como um todo.

A aprendizagem cooperativa tem também um papel importante na sala de aula inclusiva. De acordo com *Improvement through Research in the Inclusive School* (2006) as suas potencialidades são as seguintes: motivação para a aprendizagem, tempo de envolvimento nas tarefas de aprendizagem, atenção, o desempenho na resolução de problemas, satisfação com a escola, autoestima, atribuições causais para o sucesso baseadas no esforço e empenho, relações sociais, atitudes perante a diferença e o sentido de grupo/comunidade. A aprendizagem cooperativa permite desenvolver e trabalhar para um objetivo comum, permitindo a partilha de ideias e interajuda ao longo desse processo.

De acordo com Correia (2003), a filosofia da inclusão reconhece aos alunos com NEE o direito de aprender com os seus pares, funcionando estes como modelos e, por vezes, como tutores. Esta perspetiva proporciona-lhes aprendizagens idênticas e interações sociais adequadas, procurando que se ponham os estigmas de lado, promovendo o seu desenvolvimento global, baseado num espírito de pertença e de participação nos diversos contextos da vida escolar, sem nunca perder de vista as necessidades específicas de cada aluno. De facto, a aprendizagem com os pares, se for bem orientada, pode revelar-se uma estratégia muito eficaz numa escola que se pretende de todos e para todos, onde todos possam aprender com os meios de que se dispõe, onde deve ser facultado a todos a possibilidade de todos os alunos atingirem o máximo do seu potencial, utilizando o modelo de aprendizagem, que pode ser igual ou diferente do seu colega e inclusivamente do próprio professor. Segundo Correia (2008), “criar um ambiente de interações positivas em sala de aula, favorece a inclusão”. As atitudes do professor e as expectativas do mesmo, influenciam a inclusão na sala de aula, uma vez que é a sua forma de ver os seus alunos que vai potenciar todo este processo. O professor assume um papel fundamental na ativação e na manutenção da motivação dos seus alunos. Da mesma forma, terá de saber identificar as causas da desmotivação e atuar a partir delas. O ideal no ato educativo seria o professor ter em conta a multiplicidade de formas motivacionais existentes na sala de aula e ser capaz de adaptar as características dos procedimentos didáticos a essa multiplicidade. Se existe grande preocupação face à forma como os conhecimentos prévios dos alunos têm influência na forma como aprendem e constroem conhecimento, também devem ser tidas em conta as suas características motivacionais. A qualidade das relações que se estabelecem no interior da sala de aula também apresenta implicações na motivação do aluno e sendo a

atividade escolar realizada maioritariamente em contexto social e de modo coletivo, torna-se importante o professor criar um ambiente motivador na sala de aula. Para tal, torna-se necessário que faça uso adequado dos recursos didáticos e que implemente estratégias e tarefas de ensino estimulantes, de forma a desenvolver situações de aprendizagem que permitam ao aluno desempenhar um papel ativo na construção do conhecimento. De acordo com Balancho e Coelho (1996, p. 43) “o aluno tem de aprender a gostar de aprender.” O professor tem de inculcar-lhe esse gosto. Sem que estas duas condições se verifiquem, pouco ou nada se pode avançar, quer no campo afetivo, quer no domínio cognitivo. Para isso é fundamental o próprio professor também se encontrar motivado, demonstrar envolvimento no que faz e sentir-se pessoalmente em compromisso com a educação inclusiva.

### 1.3. Formação e desenvolvimento profissional de Professores

Segundo Ainscow (citado em Sanches e Teodoro, 2007) para as escolas se tornarem inclusivas é necessário que assumam e valorizem os seus conhecimentos e as suas práticas, que considerem a diferença, um desafio e uma oportunidade para a criação de novas situações de aprendizagem, que sejam capazes de refletir sobre os obstáculos a ultrapassar de forma a garantir a participação de todos os professores, e que estes se disponibilizem para utilizar os recursos necessários, utilizando uma linguagem acessível. Torna-se assim necessário reformular as práticas das escolas, de forma a inculcar nelas, os princípios inclusivos. Esse trabalho passa por desenvolver as atitudes e práticas dos professores, através de partilha de ideias e saberes. Segundo Leite (2011, p.6) é preciso garantir que a escola inclusiva não é apenas onde estão todos os alunos. É a escola onde todos os alunos aprendem, para isso, é necessário encontrar as respostas curriculares para a aprendizagem de todos: o que ensinar, para que ensinar e como ensinar. É importante incentivar os professores a uma reflexão sobre as suas práticas educativas e a uma reflexão conjunta sobre elas, de forma a propiciar formas de trabalho colaborativo entre professores, como também entre professores e alunos. De acordo com Ainscrows (citado em Rodrigues, 2006) deveriam ser utilizadas como estratégias de “valorização profissional de professores”: a criação de oportunidades de considerar novas possibilidades e também o apoio à experimentação e à reflexão.

A primeira estratégia foca-se na utilização de novos métodos, como a aprendizagem ativa, que incentiva à descoberta, à utilização eficiente de todos os recursos disponíveis e à capacidade de improvisar alterações aos planos de trabalho sempre que as respostas não sejam as expectáveis. A segunda estratégia envolve o desenvolvimento de um trabalho de grupo que implica explorarem em conjunto, aspetos das suas práticas educativas e refletirem sobre elas, de forma a tirarem elações sobre a sua eficácia ou sobre a necessidade de aperfeiçoamento. Os professores têm procurado recorrer a múltiplas e variadas estratégias de ensino de forma a responder às necessidades dos seus alunos, contudo na educação inclusiva, o seu esforço terá de ser no sentido de implementar estratégias suplementares, de forma a conseguir facilitar a aprendizagem de todos os seus alunos. Segundo Correia (2005), a formação contínua permite aos professores aumentar os seus conhecimentos e conseqüentemente, serem capazes de responder à diversidade dos seus alunos. Pode-se considerar que a inclusão escolar depende quase totalmente do sucesso do trabalho pedagógico do professor na sala regular, pois este deve responder as necessidades diferenciadas dos seus alunos. É assim, essencial, que haja formação continuada dos docentes, para que possam assim propor situações de ensino-aprendizagem a todos os alunos. O professor deve desenvolver também, tanto na formação inicial quanto durante todo o seu percurso profissional, o hábito de refletir sobre a própria formação, refletir sobre o que aprendeu e sobre as experiências vivenciadas, de forma a poder analisar e aperfeiçoar a sua prática pedagógica. Segundo Leite e Pelúcio (2010,p.4), o professor reflexivo deve representar o modelo educacional que cria pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram, demonstrando criatividade e inovação. Nesse sentido, o professor reflexivo baseia-se no pensamento consciente da prática, capaz de construir ou reconstruir a sua prática pedagógica, atuando de forma ponderada e flexível.

## **II - Estudo empírico**

O presente capítulo, referente ao estudo empírico, encontra-se dividido em três partes distintas: a metodologia de investigação, a apresentação e análise dos resultados e a discussão dos mesmos. Na primeira parte deste capítulo é mencionada a metodologia utilizada durante o decorrer da investigação. Nela é feita uma contextualização do estudo, sendo apresentado o instrumento de recolha de dados e são enumerados os objetivos e as questões orientadoras, é também feita a descrição dos participantes que integraram este estudo e os procedimentos metodológicos utilizados. Na segunda parte deste capítulo, são apresentados os resultados do estudo, através de uma síntese das respostas recolhidas nas entrevistas. Por último, na terceira parte deste capítulo, são discutidos os resultados obtidos com o estudo, sendo destacados os principais contributos da análise das entrevistas semiestruturadas aos 10 professores do 1.º CEB.

### **2.1. Metodologia**

Para a realização deste estudo optou-se por uma investigação qualitativa que assenta nos pilares das experiências, das vivências e da ação. Nesta abordagem metodológica, “a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 47), que recolhe informações, de forma a dar resposta a uma problemática identificada. “A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan et al, 1994, p. 48). Os resultados obtidos com a investigação são analisados tendo em conta todo o seu potencial, respeitando a forma como os dados foram registados ou transcritos. A investigação qualitativa é científica, uma vez que constitui, uma atividade organizada, disciplinada e rigorosa. Com esta abordagem é possível elaborar propostas fundamentadas cientificamente, fornecer explicações plausíveis dos fenómenos e tomar decisões adequadas para a ação, sendo benéfica tanto para a teoria como para a prática. De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005, p.72) o maior desafio de um método de investigação decorre do estabelecimento de uma relação consistente entre os objetivos da investigação e a recolha de dados.

Utilizámos assim como fonte de recolha de dados, a entrevista, um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre determinada temática, que consiste em formular questões às pessoas nela integradas e recolher dados válidos sobre as suas opiniões, ideias e práticas. Para a realização de uma entrevista é imprescindível a presença de dois ou mais interlocutores, que mantêm uma conversa intencional e orientada por uma das pessoas, que tem como objetivo obter informações sobre a outra. No decorrer da entrevista os participantes desempenham tarefas fixas, o entrevistador pergunta e o entrevistado responde. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). A entrevista que nos propusemos desenvolver, visa recolher a perceção que cada um dos participantes possuía, sobre uma temática específica, seguindo uma ordem estruturada de questões, mas permitindo a livre expressão dos participantes, de forma a exprimirem os seus sentimentos e interesses.

#### 2.1.1. Contextualização do estudo, objetivos e questões orientadoras

O presente estudo qualitativo centra-se em compreender as perspetivas de professores de 1º ciclo sobre a Educação Inclusiva. Numa investigação, o objetivo "constitui um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação, indicando, conseqüentemente, o que o investigador tem intenção de fazer no decurso do estudo" (Freixo, 2011, p. 164). Nesta investigação foram delineados quatro objetivos primordiais:

- Enunciar conceções dos professores sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica
- Identificar práticas educativas desenvolvidas em sala de aula em contexto de educação inclusiva
- Compreender as barreiras que poderão existir no processo de diferenciação curricular em sala de aula
- Identificar práticas educativas desenvolvidas em período excecional de pandemia

Numa investigação, primeiramente, é fundamental enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, isto é, na forma de uma questão orientadora para todo o processo de investigação.

São assim lançadas duas questões de partida, relacionadas com o papel do professor na Educação Inclusiva :

Quais são as conceções que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica?;

Quais são as adequações pedagógicas realizadas em contexto de sala de aula pelos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico quando têm nas suas turmas alunos com diferentes ritmos de aprendizagem?

Com base nestas duas questões orientadoras da investigação, foram concebidas várias questões que resultaram num guião de entrevista semiestruturada.

### 2.1.2. Participantes

O grupo de participantes deste estudo é constituído por 10 professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) com mais de 5 anos de experiência profissional. Todos os participantes do estudo são do género feminino e, atualmente, encontram-se a lecionar em estabelecimentos de ensino como professoras titulares de turma. Todos os professores entrevistados encontram-se a lecionar, em diferentes estabelecimentos de ensino públicos e privados, em diferentes distritos do País, como Lisboa, Porto e Região Autónoma dos Açores. Os participantes apresentam idades compreendidas entre os 34 e os 57 anos de idade. O grupo de participantes é compreendido por elementos com Licenciatura em Educação Básica com Mestrado de Qualificação para a Docência do Pré-escolar e 1º ciclo, Curso superior de professor de 1º ciclo e 2º ciclo do Ensino Básico variante Matemática e Ciências da Natureza, Mestrado em Educação Moral e em Religião e Cultura, Especialização em Educação Especial e Mestrado em Psicologia Educacional. Conforme referido anteriormente, todos os participantes no estudo têm mais de 5 anos de experiência profissional. O grupo de participantes é composto por

professores com idades compreendidas entre os 5 e os 36 anos de experiência profissional como professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Professores	Anos de serviço	Idade	Ano que leciona	Nº de alunos em sala de aula
P1	14	50 anos	1º ano	17
P2	36	57 anos	1ºano	19
P3	17	40 anos	4ºano	18
P4	5	52 anos	2º/3º/4º Anos	23
P5	7	57 anos	3º/4º anos	8
P6	23	45 anos	4ºano	21
P7	24	45 anos	3ºAno	25
P8	13	35 anos	1º Ano	17
P9	5	34 anos	2º Ano	18
P10	24	47 anos	3ºano	20

### 2.1.3 Instrumento de recolha de dados

Para ir ao encontro dos objetivos do estudo foi elaborado o seguinte guião de entrevista com as seguintes questões orientadoras.

#### **Guião de entrevista semiestruturada a professores do 1º Ciclo**

1- Para si, o que é Educação Inclusiva?

2- O que pensa sobre a inclusão de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem em salas de 1º ciclo?

3- Qual é a sua opinião sobre o acompanhamento que é dado a estes alunos?

4- Para si, o que é a Diferenciação Pedagógica?

5- Quais são as dificuldades associadas à implementação de práticas de Diferenciação Pedagógica em sala de aula?

6-- De que forma é que inclui todos os alunos numa aprendizagem significativa?

7- Qual o papel do aluno e do professor na implementação de uma pedagogia diferenciada?

8- Que metodologias e estratégias utiliza ao trabalhar com alunos com diferentes ritmos de aprendizagem?

9- Como avalia as competências desses alunos?

10- Considera importante a interação de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem? Como potencia esse facto na sua sala de aula?

11- Sente-se pedagogicamente preparado/a para trabalhar com alunos com diferentes perfis de desenvolvimento? Porquê?

12- Ao longo do seu percurso profissional que formação fez na área da Educação Inclusiva?

13- Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a atualização de conhecimentos e de desenvolvimento profissional na área da Educação Inclusiva?

14- Durante o contexto de pandemia, desenvolveu práticas de diferenciação pedagógica? Quais?

15- Considera que foram práticas eficazes?

16- A pandemia trouxe novas competências para as suas práticas de ensino-aprendizagem? Dê exemplos.

#### 2.1.4. Procedimentos de análise de dados

É apresentada aqui, uma síntese das fases do processo e o conjunto de atividades que levam à concretização deste estudo.

### Na Fase 1

- Revisão da literatura
- Especificação da metodologia a adotar

Numa primeira fase, procedemos à exploração e revisão da literatura que enquadra a temática escolhida, de forma a aprofundar o conhecimento sobre as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, levando ao surgimento de novos conceitos e formas de atuação e sobre o enquadramento legal que foi sendo adotado até à atualidade. Elaboramos, em traços gerais, o nosso projeto de estudo, especificando a metodologia da nossa investigação.

---

### Fase 2

- Elaboração da entrevista a aplicar

Numa segunda fase, elaboramos o guião da entrevista, baseado nas leituras realizadas, com o objetivo de fazer a recolha de dados que nos permite refletir sobre as questões levantadas.

A aplicação da entrevista foi previamente agendada com as docentes participantes que foram informadas sobre a temática e sobre os objetivos do estudo. Para registar as entrevistas optamos pelo registo gravado, garantindo a confidencialidade e o anonimato dos seus testemunhos. Num segundo momento, passamos à codificação, cortando as entrevistas em unidades de registo e posteriormente realizamos a categorização, agrupando a informação segundo categorias e subcategorias que determinam conceitos que consideramos importante analisar.

---

### Fase 3

- Análise, tratamento e interpretação dos dados recolhidos

Para a análise da entrevista, fazemos a transcrição para o protocolo escrito, de forma a usar essas informações para a posterior análise.

---

Fazemos uma pré-análise do material recolhido, através de uma leitura do material reunido, o que nos permite fazer as primeiras reflexões e estabelecer categorias e subcategorias de conceitos e temas recolhidos. Posteriormente procede-se à análise de conteúdo que permite a organização dos dados recolhidos nessas categorias predeterminadas. Com base nessa informação, é possível responder às questões iniciais do estudo e tirar as devidas conclusões.

---

Para se proceder à recolha de dados foi desenvolvido um guião de entrevista semiestruturado. Segundo Braun e Clarke (2013), este modelo de entrevista permite ao entrevistador explorar, desenvolver e explorar as ideias e as respostas dos entrevistados. O guião pretendia abordar as temáticas relacionadas com os objetivos anteriormente mencionados. Após a sua elaboração, foi obtido o consentimento informado dos professores que se disponibilizaram para a realização das entrevistas e desta forma, foi garantida a confidencialidade e o anonimato. As entrevistas foram realizadas fora do contexto escolar, em ambiente informal e foram realizadas entre o final do ano de 2022 e primeiro trimestre de 2023, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Cada entrevista teve uma duração de cerca de 60 minutos, gravada com suporte áudio. Para se proceder à sua análise, as entrevistas foram transcritas integralmente. Para o tratamento dos dados adotaram-se procedimentos de análise que de acordo com Braun e Clarke (2006) são baseados num processo de leitura crítica dos dados observáveis e na interpretação dos resultados obtidos, tendo em conta os objetivos centrais do estudo. Para garantir a confidencialidade dos dados e a posterior divulgação dos resultados, foram atribuídos a cada participante uma designação, através de um código de P1 a P10.

### 3. Apresentação dos resultados

Para a realização deste estudo empírico procedemos à realização de 10 entrevistas semiestruturadas a professores de 1º Ciclo do Ensino Básico. Nesta fase do trabalho são apresentados os principais resultados da análise às entrevistas realizadas, tendo como premissa uma temática atual e problemática que definiu o presente estudo: “Perspetivas de docentes de 1º ciclo sobre a Educação Inclusiva”.

Pretende-se apresentar os dados recolhidos com as diferentes questões que constam no guião de entrevista, dados esses, que foram selecionados, categorizados em temas e subtemas e reagrupados, como é possível perscrutar nas tabelas de análise de dados que se encontram em anexo. Primeiramente, procede-se à realização da primeira unidade de análise, constituída por uma tabela que apresenta a transcrição das respostas das entrevistas, o que permite uma leitura cuidada das transcrições e posteriormente, é elaborada a segunda unidade de análise, através da criação de uma tabela de identificação de temáticas, que permite a sintetização da informação regista sob a forma de unidades de registo (Anexo 1). A distribuição das temáticas realiza-se desta forma: representações sobre educação inclusiva e diferenciação pedagógica (**tema 1**); diferenciação pedagógica em sala de aula (**tema 2**); formação especializada (**tema 3**); diferenciação pedagógica em período excecional de pandemia (**tema 4**). Estas 4 temáticas subdividem-se ainda em 10 subtemas: Conceções sobre Educação Inclusiva (**Subtema 1.1.**); conceções sobre diferenciação pedagógica (**subtema 1.2.**); práticas pedagógicas (**subtema 2.1.**); desafios e oportunidades (**subtema 2.2.**); avaliação (**subtema 2.3.**); formação realizada (**subtema 3.1.**); propostas de temáticas (**subtema 3.2.**); adequabilidade (acomodações e adaptações) na gestão da turma (**subtema 4.1.**); competências adquiridas (**subtema 4.2.**); reflexão sobre atuação pedagógica (**subtema 4.3.**) A partir desta distribuição de temas e subtemas são integradas as unidades de registo, que permitem selecionar a informação mais relevante deste conjunto de respostas.

## Tema 1 - Representações sobre Educação Inclusiva e Diferenciação Pedagógica

### Subtema 1.1.- Conceções sobre Educação Inclusiva

#### *Questão 1- Para si, o que é Educação Inclusiva?*

Na primeira questão do estudo, procura-se identificar as noções e pontos de vista dos professores sobre o conceito de Educação Inclusiva. De uma forma geral, apresentam a ideia de um ensino igualitário, tendo quatro professores referido a importância de respeitar as diferenças e singularidades de cada criança no ensino em sala de aula, procurando encontrar respostas educativas adequadas à sua aprendizagem.

P3: Educação inclusiva, de uma forma muito geral, é uma abordagem em sala de aula em que todos participam, todos estão incluídos no desenvolvimento de uma determinada atividade/tarefa.

P6: É uma educação direcionada para todos os alunos, independentemente das suas diferenças, ritmos e estilos de aprendizagem.

P7: É um direito de todos à educação.

P9: Na minha opinião, a Educação Inclusiva permite abranger todas as crianças/jovens no ensino regular, atendendo às suas necessidades individuais. A Educação Inclusiva respeita a individualidade/singularidade de cada ser e permite encontrar respostas educativas eficazes que ajudam na evolução holística das crianças/jovens.

## Subtema 1.2. - Conceções sobre Diferenciação pedagógica

### *Questão 4- Para si, o que é a Diferenciação Pedagógica?*

Nesta questão, procura-se reconhecer perspetivas sobre a temática da Diferenciação Pedagógica, permitindo identificar que os professores consideram que se trata de uma adequação de materiais, metodologias e estratégias. É referido por um professor que se trata de um ensino individualizado que se vai adaptando às especificidades dos alunos. É referido também por outros professores a importância de se encontrar metodologias e estratégias adequadas, de forma a facilitar o processo de aprendizagem dos alunos.

P1: É um ensino individualizado, adaptado às especificidades apresentadas por cada aluno.

P2: A diferenciação pedagógica tem em conta a avaliação e adapta o ensino às características do aluno. Por isso tem em consideração as suas potencialidades e dificuldades.

P4: A Diferenciação Pedagógica é a procura de estratégias adequadas aos diferentes alunos, encontrando-se eles em diferentes níveis de aprendizagem.

P9: Na minha opinião, Diferenciação Pedagógica significa encontrar diferentes metodologias e estratégias que possam ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades e a progredirem nas suas aprendizagens, nas diferentes áreas de conhecimento.

## Tema 2 - Diferenciação Pedagógica em sala de aula

### Subtema 2.1.- Práticas pedagógicas

Questão 8 – “ Que metodologias e estratégias utiliza ao trabalhar com alunos com diferentes ritmos de aprendizagem? ”

Com esta questão, pretende-se que os professores descrevam métodos de trabalho desenvolvidos em sala de aula, com os diferentes alunos que integram a sua turma. É referido por um professor, a criação de diferentes grupos de trabalho, consoante os diferentes níveis de conhecimento dos alunos, com tipos de trabalho diferenciados. São referidas as tutorias e o trabalho colaborativo nas respostas de diversos professores. A utilização do computador, de dramatizações e jogos didáticos são apontadas como estratégias para as práticas pedagógicas.

P2: Os alunos agrupados por níveis de conhecimento é uma forma de organização que ajuda o professor a exercer a sua função de gestor da aprendizagem, que preparou trabalhos diferente para cada grupo de alunos. Outras vezes, misturar nos grupos alunos com diferentes níveis de conhecimentos também ajuda, quando o trabalho é de colaboração. Através de um computador com um programa educativo adequado o aluno poderá consolidar e aplicar alguns conhecimentos. A correção automática feita pelos computadores também ajuda a esta diferenciação pedagógica. No entanto, esta atividade implica que estejam disponíveis computadores para alguns alunos. A utilização de audiovisual também é muito útil, porque motiva e ajuda a memorizar, ao mobilizar todos os sentidos no processo de aprendizagem. No entanto, tudo isto implica que os recursos estejam disponíveis e funcionem, o que nem sempre acontece.

P6: Ao trabalhar com uma turma composta por alunos que possuem diferentes ritmos de aprendizagem, tento aplicar várias atividades de conteúdos iguais ou diferentes, respeitando sempre o tempo de cada criança. Penso que a criatividade do professor é um dos pontos-chave para lidar com esta situação e para tornar uma aula diferente e animada. Boas estratégias passam por propor aos alunos trabalhos de grupo, realização de posters temáticos, de dramatizações, de jogos didáticos, etc., tentando melhorar o desempenho daqueles alunos que apresentam uma evolução mais lenta na sua aprendizagem.

P7: Trabalho de pares e de grupos. Trabalho diferenciado em sala de aula e em casa com a família. Tutoria entre alunos e com o professor.

P8: Dar mais tempo; explicar oralmente as instruções as vezes que forem necessárias; adaptar os materiais; criar tutorias dentro de cada grupo; privilegiar o tempo de estudo autónomo para que as crianças construam o seu próprio caminho, tendo mais

consciência do percurso e dos objetivos a atingir; realizar muitos trabalhos de projeto, seguindo os gostos dos alunos e partindo daí para uma aprendizagem mais significativa.

## Subtema 2.2. - Desafios e Oportunidades

Questão 5 – Quais são as dificuldades associadas à implementação de práticas de Diferenciação Pedagógica em sala de aula?

Com esta questão, pretende-se abordar os maiores desafios encontrados pelos professores, no desenvolvimento das práticas de Diferenciação Pedagógica nas suas salas de aula. São referidas as dificuldades em gerir o currículo e ao mesmo adequar estratégias aos diferentes alunos. É apontado o tempo despendido fora do horário de aulas à elaboração de planificações e preparação de atividades. O número de alunos por turma é apontado pela maioria dos professores como uma dificuldade ao desenvolvimento das suas práticas de Diferenciação Pedagógica.

P3: Na minha perspetiva, o tempo e a pressão de cumprir um determinado programa. Pensar em cada um dos alunos, na forma adequada de chegar a cada um deles e gerir um currículo, é algo que nem sempre é realista e alcançável.

P4: O tempo, esforço e dedicação fora do tempo de aula na planificação e preparação das atividades.

P7: Principalmente o número elevado de alunos nas turmas e a falta de recursos materiais e humanos nas escolas.

P8: Falta de material, conhecimento sobre a especificidade de cada caso e falta de acompanhamento de professores de ensino especial.

P 10: O tamanho das turmas é um ponto fulcral. E se acrescentarmos as dificuldades dos alunos, é muito exigente para o professor e os currículos são exagerados, pois os alunos não têm maturidade suficiente para os compreender.

### Subtema 2.3. – Avaliação

Questão 9.- Como avalia as competências desses alunos?

Através desta questão, procura-se compreender as formas de avaliação utilizadas, sendo referida a importância da observação diária, de forma a analisar o ritmo de aprendizagem e a utilização de fichas de avaliação diferenciadas de acordo com as definições definidas pelo atual decreto-lei. É referido também a importância de fornecer instrumentos de autoavaliação aos alunos.

P2: Avalio os trabalhos que os alunos produzem, a forma como se expressam, oralmente, plasticamente, e a linguagem não-verbal utilizada. A forma como se integram nas atividades e como cumprem as regras, o ritmo de trabalho. Tudo fornece elementos de avaliação, mas também preparo diversos instrumentos de avaliação, quando tenho na turma alunos com níveis de conhecimentos diferentes.

P3: Na minha opinião, a avaliação é feita diariamente. Através da participação, do envolvimento nas atividades e nas tarefas propostas. Para além disso, a avaliação também é feita semanalmente através do Plano Individual de Trabalho, por eles e por mim. Cada um é responsável por essa avaliação. Se trabalhou bem, muito ou pouco, e se foi ao encontro das suas dificuldades. Em alunos com mais dificuldades, com acomodações definidas pelo decreto-lei nº54/2018, adapto as fichas de avaliação que fazemos no final de cada período, tanto em forma, como em tempo disponível, ou até mesmo em conteúdo.

P5: A avaliação das diferentes competências é feita através da observação e análise diária, atenta e constante de cada aluno permitindo ao professor entender o ritmo da sua aprendizagem. Além desta avaliação contínua também se elaboram testes ligeiramente diferenciados e adaptados às capacidades em presença.

P9: Verificar se a avaliação das aprendizagens respeitou as medidas adotadas no Projeto Educativo Individual (PEI) de cada aluno. Se a elaboração dos instrumentos utilizados

respeitou a planificação e se procurou que os mesmos fossem inovadores e eficazes. Na avaliação utilizaram-se diferentes procedimentos: avaliação de diagnóstico, observação direta, avaliação contínua e avaliação trimestral. O resultado da avaliação dos alunos foi utilizado na preparação, organização e realização das atividades. Procurei reformular e readaptar a planificação anterior, fornecendo orientações adequadas aos alunos que lhes permitissem obter melhores resultados escolares. Recorreu-se a instrumentos de trabalho que proporcionassem aos alunos a sua autoavaliação.

### Tema 3 - Formação Especializada

#### Subtema 3.1.- Formação realizada

Questão 12.- Ao longo do seu percurso profissional que formação fez na área da Educação Inclusiva?

Esta questão pretendia identificar o nível de formação e a preocupação com a busca de conhecimento na área de Educação Inclusiva. Dois dos professores entrevistados procuraram formação de forma mais regular, tendo um deles obtido formação especializada na área. Os restantes inquiridos referem leituras sobre a temática ou a interajuda com colegas e terapeutas.

P1: Apenas frequentei algumas ações de formação, que no meu entender, de pouco serviram. A urgência para que a Educação Inclusiva seja bem-sucedida passa por um reforço de recursos humanos e materiais nas escolas, o que não acontece.

P2: Em 2021, participei num encontro digital dinamizado por Eduardo Sá intitulado “Saúde Mental para professores e alunos! ”Em 2019, concluí a formação de 25 horas, organizada pelo Centro de formação do SIPE “Compreender Educação inclusiva: sistematizar práticas de inclusão” com a avaliação de 10 valores. Também participei numa ação de formação, de 4 horas, intitulada “Cidadania e desenvolvimento – operacionalização do currículo”, organizada pelo Centro de Formação de escolas do

Porto Ocidental. Em 2018, concluí com 9 valores uma formação contínua de 25 horas em Microsoft Excel na atividade docente – nível intermédio organizado pelo Centro de Formação das escolas de Porto Ocidental. Em 2013, participei numa ação de sensibilização pró-saúde mental com a duração de uma hora e trinta, no âmbito do projeto “Professores UPA”. Em 2013, também frequentei uma ação de formação de 50 horas organizada pela escola superior de educação Paula Frassinetti intitulada “Metodologia da escrita e da leitura” que concluí com 9 valores. Em 2010, frequentei uma ação de formação de 25 horas intitulada “Tecnologias de apoio no processo de ensino-aprendizagem inclusivo a alunos com necessidades educativas especiais” organizada pela Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Em 2009, frequentei uma ação de formação de 50 horas, organizada pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e intitulada “Curso de Formação em Educação Especial” A minha formação contemplou a educação especial, as novas tecnologias e a cidadania, porque considero serem áreas complementares. No entanto, também fiz uma atualização na minha área específica de ensino da escrita e da leitura.

P3: Quando saíram os decretos de lei nº54 e 55 de 2018, tive uma formação sobre os mesmos, numa perspetiva de pôr em prática a Educação Inclusiva.

P5: Embora pareça que se encontre disposta a obrigatoriedade por parte dos estabelecimentos de ensino e das suas direções pedagógicas de proporcionar aos respetivos docentes, ações de formação nesta área, nunca tal me foi proporcionado e a minha autoformação resultou especialmente da necessidade decorrente da confrontação com este tipo de situações, nomeadamente a dislexia e o autismo, para o que concorreu a interajuda com colegas, educadoras e terapeutas e também a preparação que adquiri a partir de alguma pesquisa que efetuei. No entanto, não ignoro as grandes dificuldades que cada caso apresenta, nem sempre passíveis ou mesmo impossíveis de superar.

P6: “Práticas pedagógicas promotoras da inclusão”.

P8: Nenhuma. Apenas leituras e interesse próprio na pesquisa.

P9: Neste momento, não tenho formação na área da Educação Inclusiva.

P10: Fiz uma especialização em Educação Especial e depois prossegui para o mestrado em Psicologia Educacional.

### Subtema 3.2. - Propostas de Temáticas

Questão 13.- Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a atualização de conhecimentos e de desenvolvimento profissional na área da Educação Inclusiva?

A questão pretende identificar as temáticas, consideradas pelos professores, como pertinentes e de verdadeira utilidade para a prática pedagógica. Foram consideradas essenciais, as formações com uma componente muito prática, sobretudo dirigidas para a construção de materiais e de estratégias de sala de aula eficazes, assim como formações em problemáticas mais frequentes como Autismo, Baixa Visão e Trissomia 21.

P3: Uma formação com uma componente muito prática, na construção de materiais e de estratégias de sala de aula eficazes.

P6: Diversas formações sobre cada uma das problemáticas mais frequentes: Autismo, Trissomia 21, baixa visão...

P7: Diversificação de estratégias.

P10: Devia haver cadeiras anuais em Educação Especial nos cursos de Educação

## Tema 4 - Diferenciação Pedagógica em Período Excepcional de Pandemia

### Subtema 4.1. - Adequabilidade (acomodações e adaptações) na gestão da turma

Questão 14.- “ Durante o contexto de pandemia, desenvolveu práticas de diferenciação pedagógica? Quais? ”

As questões procuram recolher um conjunto de práticas de diferenciação pedagógica utilizadas durante um período específico, o de pandemia, que constituiu um desafio para o processo de aprendizagem dos alunos, levando os professores a recorrer a novas estratégias e ferramentas de trabalho pedagógico.

Alguns professores referiram a atenção especial que desenvolveram aos contextos dos alunos com mais dificuldade e ao fornecimento de materiais aos encarregados de educação desses alunos. Foram identificadas problemáticas acrescidas, relacionadas com alunos imigrantes, que se encontravam ainda em processo de integração no país e alunos com dificuldades económicas que não possuíam computador. Essas situações exigiram muito tempo de contacto com os encarregados de educação. Também foi referido que o trabalho proposto era diferenciado, sempre com indicações muito concretas, na perspetiva do adulto próximo conseguir acompanhar o trabalho desenvolvido, de forma a evitar momentos de ansiedade, em todos os envolvidos.

P1: Mantive contatos extra, via Teams, com os alunos que requeriam maior atenção.

P2: Estive muito atenta aos contextos dos alunos com mais dificuldade e forneci materiais aos encarregados de educação desses alunos. As dificuldades eram imensas, porque tinha alunos imigrantes, que ainda estavam num processo de integração no país e alunos com tantas dificuldades económicas que não possuíam o computador. Essas situações exigiram muito tempo de contacto com os encarregados de educação. Estive muitas horas online com alunos com dificuldades de aprendizagem e também prestei apoio online a uma aluna de educação especial com síndrome de Down.

P3: Na modalidade de Ensino à Distância, tentei estar mais presente tanto para os alunos como para os pais, dos alunos que precisaram de maior acompanhamento. O trabalho proposto também era diferenciado, sempre com indicações muito concretas, na perspetiva do adulto próximo conseguir acompanhar o trabalho desenvolvido, sem criar ansiedade em todos os envolvidos, tendo em conta esses tempos estranhos que vivemos fechados e atrás de um monitor.

P8: Criando salas virtuais para acompanhar os alunos que não estavam a acompanhar as matérias. Criando vídeos explicativos com a matéria/os conteúdos a ensinar, adaptados às crianças com dislexia, por exemplo. Deixando mais tempo para concretização dos trabalhos. Registrando/corrigindo com apontamentos/comentários os trabalhos escritos.

## Subtema 4.2. - Competências Adquiridas

Questão 15.- Considera que foram práticas eficazes?

A questão pretende abordar as práticas desenvolvidas durante o período pandémico e considerar as suas possibilidades de aplicação futura. Uma professora considera que precisou de desenvolver as suas competências digitais a vários níveis. Durante o Ensino à Distância, de forma a cativar o interesse e participação dos alunos, procurou utilizar jogos interativos e vídeos temáticos, em *sites* ou aplicações, que atualmente recorre quando faz sentido. Uma professora especifica que desenvolveu novas competências nas práticas de ensino aprendizagem, nomeadamente no acesso e construção de novas plataformas digitais, elaboração de questões/formulários a partir do *Google Forms* e na preparação de aulas online no programa *Microsoft Teams*. Uma professora refere que sempre valorizou o contributo das novas tecnologias, mas, neste momento, compreende melhor como poderão ser rentabilizadas na área da educação.

P2: As potencialidades oferecidas pela escola virtual e a oportunidade de marcar tarefas através da escola virtual ou no Teams foi uma possibilidade que vou aproveitar no futuro. O estudo em casa também me pareceu muito proveitoso, em alguns aspetos. Sempre valorizei o contributo das novas tecnologias, mas, neste momento, compreendo melhor como poderão ser rentabilizadas na área da educação.

P3: Fui obrigada a desenvolver as minhas competências digitais a vários níveis. Durante o Ensino à Distância, de forma a cativar o interesse e participação dos alunos, procurei utilizar jogos interativos e vídeos temáticos, em sites ou aplicações, que anda hoje recorro quando faz sentido.

P9: Durante a pandemia, desenvolvi novas competências nas práticas de ensino aprendizagem, nomeadamente o acesso e construção de novas plataformas digitais, elaboração de questões/formulários a partir do Google Forms, preparação de uma aula online na Microsoft Teams, entre outros.

P10: Houve necessidade de criar mais competências a nível tecnológico. Fomos aprendendo uns com os outros.

#### Subtema 4.3. - Reflexão sobre Atuação Pedagógica

Questão 16.- A pandemia trouxe novas competências para as suas práticas de ensino-aprendizagem? Dê exemplos.

Esta questão pretende sugerir uma reflexão sobre as novas metodologias adotadas durante o período pandémico e de que forma podem ter constituído aprendizagens para a prática educativa. Uma professora considerou que as aulas de apoio educativo *online* foram importantes, porque envolveram os encarregados de educação no processo de aprendizagem e revelaram-se eficazes em relação à aprendizagem dos alunos, contudo considerou que as aulas *online* fornecidas à turma não foram tão eficazes. De uma forma geral, consideram que foram práticas eficazes, tendo em conta o contexto vivido, mas consideram de enorme importância, desenvolver estratégias de forma presencial. Reforçam a necessidade do contacto direto e da interação social, considerando que as aprendizagens e competências são desenvolvidas de forma mais eficaz, em modo presencial

P2: As aulas à turma serviram para orientar os encarregados de educação, que estavam muito desorientados. Não me parece que tenham ajudado especialmente os alunos. As aulas de apoio educativo online pareceram-me importantes, porque envolveram os encarregados de educação no processo de aprendizagem e revelaram-se eficazes em relação à aprendizagem dos alunos.

P3: Na maioria dos casos sim, mas todo o contexto vivido tornou a aprendizagem menos natural ou intuitiva. A escola é um local de dinâmicas muito próprias, impossível de recriar em casa, por muito acompanhamento e disponibilidade que se possa ter. A parte social, a parte prática de mexer em materiais, de discussão e troca de ideias, é fundamental na aprendizagem.

P5: Tanto quanto possível, procurei que fossem eficazes, introduzindo também as alterações que me pareceram convenientes, nem sempre ficando satisfeita.

P9: As práticas foram eficazes. No entanto, saliento a importância de desenvolver estratégias de forma presencial. As crianças precisam do contato e da interação uns com os outros. Acredito que as aprendizagens e competências são desenvolvidas de forma mais eficaz, em modo presencial.

#### **4. Discussão dos resultados**

Com este tópico pretende-se discutir, interpretar e analisar os resultados inferidos com a realização das entrevistas semiestruturadas. A reflexão dos resultados por parte do investigador, baseada no que existe de mais atual na literatura relacionada com a temática da Educação Inclusiva, é extremamente importante.

Esta discussão dos resultados tem como intuito cumprir os quatro objetivos primordiais do estudo, que são: Enunciar concepções dos professores sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica; Identificar práticas educativas desenvolvidas em sala de aula em contexto de educação inclusiva; Compreender as barreiras que poderão existir no processo de diferenciação curricular em sala de aula; Identificar práticas educativas desenvolvidas em período excecional de pandemia.

E ainda, responder às duas questões de partida, relacionadas com o papel do professor na Educação Inclusiva, sendo elas:

- Quais são as concepções que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica?;
- Quais são as adequações pedagógicas realizadas em contexto de sala de aula pelos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico quando têm nas suas turmas alunos com diferentes ritmos de aprendizagem?

## **Conceções sobre a Educação Inclusiva e Diferenciação Curricular**

Com o objetivo “Enunciar concepções dos professores sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica” pretendia-se recolher informações relacionadas com as concepções que os professores têm acerca da Educação Inclusiva e com as suas perspetivas pessoais sobre esta temática.

Analisando os dados relativos às concepções é notório que os professores entrevistados apresentam noções que vão ao encontro da revisão da literatura. Tendo em conta a análise de conteúdo realizada, as unidades de registo revelam que os professores entrevistados consideram a educação inclusiva, como uma educação direcionada para todos os alunos, independentemente das suas diferenças, ritmos e estilos de aprendizagem. Consideram que se trata de uma educação para todos, como o que foi definido na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que expressa que a inclusão pressupõe que todas as crianças e alunos tenham uma resposta educativa num ambiente regular que lhes proporcione o desenvolvimento das suas capacidades. As escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades (UNESCO, 1994, p. 21).

Alguns professores entrevistados referem a necessidade de dar respostas educativas adequadas às necessidades específicas dos alunos. A Diferenciação Pedagógica é entendida por grande parte dos entrevistados como a diversificação de processos e métodos pedagógicos visando a adaptação do ensino-aprendizagem, dentro da diversidade das situações apresentadas pelos alunos. De acordo com Rodrigues (2008), muitos professores que aceitam este princípio, entendem-no e praticam-no, utilizando no seu dia-a-dia algumas práticas de colaboração entre docentes, família e comunidade. De acordo com Brandão e Ferreira (citado por Ferreira et al, 2020) a inclusão obriga-nos a repensar sobre as diferenças e que cada criança tem, as suas próprias características, interesses habilidades e necessidades de aprendizagem e segundo essa perspetiva inclusiva, respeitar essas mesmas características e motivações diferentes. Considero que os professores entrevistados possuem noções de acordo com os conceitos

definidos em documentos legislativos e que estão cientes dos princípios teóricos que definem a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica, tendo manifestado nesta última, a importância das necessidades individuais de cada aluno e de promover práticas educativas diferenciadas de modo a desenvolverem a aprendizagem. De acordo com Ferreira et al (2020) é imperativo que as escolas criem ambientes acolhedores e propícios para dar resposta adequada ao desenvolvimento dos seus alunos, particularmente a quem requiere condições especiais.

### **Práticas educativas desenvolvidas em sala de aula em contexto de educação inclusiva**

Com o objetivo “ Identificar práticas educativas desenvolvidas em sala de aula em contexto de educação inclusiva” pretendia-se reunir dados sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula, desde as planificações, ao tipo de atividades propostas e formas de avaliação realizadas pelos professores, no contexto de educação inclusiva. É considerado, pelos professores, como de grande importância o trabalho colaborativo, sendo incentivado o trabalho a pares e de grupo. Ao misturar nesses trabalhos de grupo, alunos com diferentes níveis de conhecimentos possibilita-se criar uma estratégia de incentivo à colaboração entre colegas, assim como a utilização de tutorias entre colegas e com o professor. Segundo Ferreira et al (2020) é através do contacto mútuo que se desenvolvem as competências necessárias para a sociabilidade e se intensificam as relações sociais e se adquire um sentimento de pertença, promovendo motivação para alcançar um sentimento de identidade entre os alunos. É referida a importância da utilização de computadores com programas educativos adequados para que os alunos possam aplicar e consolidar conhecimentos. A possibilidade de correção automática dos mesmos também é considerada também como auxiliar ao trabalho dos alunos. São utilizadas também estratégias definidas em legislação atual, como dar mais tempo e explicar oralmente as instruções as vezes que forem necessárias ou adaptar os materiais e até formas de avaliação.

Alguns professores referem que preparam diversos instrumentos de avaliação, quando têm na turma alunos com níveis de conhecimentos diferentes, por isso de acordo com as

acomodações definidas pelo decreto-lei nº54/2018, os proferem referem que adaptam as fichas de avaliação, tanto em forma, como em tempo disponível, ou até mesmo em conteúdo. De acordo com Balancho e Coelho (1996, p. 43) “o aluno tem de aprender a gostar de aprender. O professor tem de inculcar-lhe esse gosto. Sem que estas duas condições se verifiquem, pouco ou nada se pode avançar, quer no campo afetivo, quer no domínio cognitivo.” É imperativo que o professor conheça os alunos, os seus interesses, as suas dificuldades e limitações para que, tendo-os em consideração, possa preparar aulas atrativas e motivadoras. O seu papel passa também por colocar problemas e levantar interrogações, despertar a curiosidade dos alunos, mostrando a relevância que pode ter para eles a realização de determinada tarefa. Considera-se que o conceito da aprendizagem é bastante amplo e que a motivação é um fator de grande importância para aprendizagem. De acordo com o Decreto-Lei n.º 54/2018, entende-se por: «Acomodações curriculares», as medidas de gestão curricular que permitem o acesso ao currículo e às atividades de aprendizagem na sala de aula através da diversificação e da combinação adequada de vários métodos e estratégias de ensino, da utilização de diferentes modalidades e instrumentos de avaliação, da adaptação de materiais e recursos educativos e da remoção de barreiras na organização do espaço e do equipamento, planeadas para responder aos diferentes estilos de aprendizagem de cada aluno, promovendo o sucesso educativo.

### **Barreiras que poderão existir no processo de diferenciação curricular em sala de aula**

O objetivo “Compreender as barreiras que poderão existir no processo de diferenciação curricular em sala de aula ” pretende reconhecer as dificuldades encontradas pelos professores, na aplicação da diferenciação curricular em contexto de sala de aula. As formações realizadas e propostas pelos professores são aqui também analisadas, de forma a permitir compreender a sua importância na superação das barreiras identificadas.

Segundo Nielsen (1999), o processo de transição de um aluno de um meio mais restritivo para um meio menos restritivo requer uma preparação prévia, tanto por parte dos professores como por parte de todos os que nele estejam envolvidos.

Este processo, para ter sucesso, deve ser marcado pelo esforço cooperativo coletivo. Ao professor da classe regular devem ser facultadas informações respeitantes às atuais competências do aluno, bem como as que dizem respeito aos objetivos estabelecidos para o mesmo e aos seus pontos fortes e fracos. Todo o corpo educativo envolvido no atendimento às necessidades físicas e educativas do aluno deve partilhar a responsabilidade de dar resposta a essas necessidades. É apontada como dificuldade, o tempo dedicado à planificação e preparação das atividades diferenciadas. Foi também considerado como pouco realista e alcançável pensar na forma adequada de chegar a cada um dos alunos e ao mesmo tempo, conseguir gerir um currículo estabelecido. Diversos professores consideraram, que o número elevado de alunos nas turmas, dificulta o processo de diferenciação curricular, assim como falta de recursos materiais e humanos nas instituições escolares. Foi referida a dificuldade no conhecimento sobre a especificidade de cada caso e falta de acompanhamento de professores de Educação Especial.

De acordo com Correia (1999, pág.32) deve haver cooperação entre professores do ensino regular e da educação especial de forma a permitir a análise das necessidades educativas dos alunos com problemas de aprendizagem e o desenvolvimento de estratégias que respondam a essas mesmas necessidades. Em relação à formação dos professores, é possível identificar professores que procuraram desenvolver o conhecimento na área de Educação Inclusiva, tanto em pequenas formações, como em formações especializadas, mas também é possível identificar professores que não reconheceram as formações assistidas como válidas e ainda professores que não assistiram a formações específicas, optando por realizar as suas próprias pesquisas ou procurar informação através da ajuda de outros professores e técnicos. Das formações propostas foram sugeridas aquelas com uma componente muito prática, sobretudo na construção de materiais e de estratégias eficazes em sala de aula. Foi proposta a formação em Educação Especial, integrada nos cursos de Educação, assim como propostas de formação sobre problemáticas consideradas mais frequentes como o Autismo, a Trissomia 21 e a baixa visão. Para Ferreira et al (2020) perante as mudanças da sociedade, as escolas e os profissionais de educação têm de adaptar-se a nova realidade para conseguir a inclusão. Desta forma a formação deve ajustar-se às preocupações e interesses dos docentes para responder às necessidades dos alunos nas salas de aula.

## **Práticas educativas desenvolvidas em período excepcional de pandemia**

O objetivo “Identificar práticas educativas desenvolvidas em período excepcional de pandemia” relaciona-se com o reconhecimento de novas práticas pedagógicas implementadas durante um período anômalo, que impediu o curso normal das aprendizagens em regime presencial e fez surgir um novo formato de trabalho pedagógico, reformulando estratégias e práticas de ensino-aprendizagem. Foram também identificadas pelos professores algumas das competências adquiridas neste processo e foi estabelecida uma reflexão sobre as suas atuações pedagógicas nesse período específico. Foi referido por professores, a necessidade de estar mais atenção a alunos que requeriam maior atenção, através de maior número de contactos *online*, nas plataformas de trabalho escolar. Na modalidade de Ensino à Distância, os professores referiram que necessitaram estar mais presente tanto para os alunos como para os pais dos alunos, que precisavam de maior acompanhamento. O trabalho proposto foi considerado, ser diferenciado, sempre com indicações muito concretas, na perspetiva do adulto próximo conseguir acompanhar o trabalho desenvolvido. Como estratégias, foram criadas salas virtuais para auxiliar os alunos que não estavam a acompanhar as matérias. Foram também criados vídeos explicativos com conteúdos a ensinar e foi concedido mais tempo para concretização dos trabalhos. Esses trabalhos tinham correções feitas pelos professores com apontamentos ou comentários aos trabalhos escritos. Foram consideradas que algumas das atividades criadas durante o Ensino à Distância, tinham como objetivo central, cativar o interesse e participação dos alunos, como jogos interativos e vídeos temáticos, em *sites* ou aplicações e são utilizadas na atualidade como recurso educativo. Houve professores que consideraram que desenvolveram novas competências nas práticas de ensino-aprendizagem, nomeadamente no acesso e construção de novas plataformas digitais, na elaboração de questões/formulários e preparação de aulas *online*. Como reflexão à sua atuação pedagógica, houve professores que consideraram que essas aulas que foram fornecidas à turma, serviram sobretudo, para orientar os encarregados de educação, não considerando que tenham sido eficazes para a generalidade dos alunos, contudo consideraram que as aulas de apoio educativo fornecidas, foram importantes, porque envolveram os encarregados de educação no processo de aprendizagem e revelaram-se

eficazes em relação à aprendizagem dos alunos. Outros professores consideraram eficazes as suas práticas, embora salientem a importância de desenvolver estratégias de forma presencial e referirem que a escola é um local de dinâmicas muito próprias, tornando-se muito difícil de recriar em casa, por muito acompanhamento e disponibilidade que se possa ter. Do ponto de vista social, a discussão e troca de ideias do grupo e a prática de manusear materiais, é considerada fundamental para a aprendizagem.

De acordo com Verdasca (2021) o trabalho docente mudou de forma radical durante a pandemia. Com o ensino à distância, a sala de aula passou a ser virtual e a maioria dos docentes, sem ter qualquer tipo de formação ou experiência nesta modalidade de ensino, viu-se confrontado com a necessidade de se familiarizar, de forma célere, com as plataformas digitais e as novas metodologias pedagógicas. Os professores transformaram-se em autodidatas, à descoberta das melhores ferramentas digitais para os seus alunos, de forma a captar a atenção e motivar os alunos para a aprendizagem. Desta forma, a utilização de aplicações e plataformas digitais para promover as aprendizagens, a criação e organização de novas rotinas e modos de trabalho, o acompanhamento individual dos alunos e o esforço de estender as interações aos pais para o acompanhamento regular das atividades escolares são algumas das estratégias apontadas pelos professores entrevistados como mais eficazes.

## Considerações Finais

A concretização deste projeto, realizado no âmbito da Unidade Curricular do Relatório Final, proporcionou-me a oportunidade de aprofundar conhecimentos relacionados com a temática da Educação Inclusiva. Inicialmente, desenvolvi um trabalho de revisão de literatura, que me permitiu adquirir conhecimentos relacionados com a evolução do conceito de Educação Inclusiva, as alterações legais desenvolvidas ao longo do tempo e a forma como foram implementadas diversas medidas nas escolas. Com a realização deste estudo qualitativo, que tinha como situação problemática a resposta a duas questões orientadoras -“Quais são as conceções que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm sobre a Educação Inclusiva e a Diferenciação Pedagógica?”; “Quais são as adequações pedagógicas realizadas em contexto de sala de aula pelos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico quando têm nas suas turmas, alunos com diferentes ritmos de aprendizagem?”- foi possível enunciar conceções dos professores sobre estas temáticas e reconhecer as práticas educativas desenvolvidas assim como compreender as barreiras que poderão existir à implementação destas mesmas práticas. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos foi utilizado o levantamento de dados porque a pesquisa envolveu questionar professores cujas perceções e atitudes se desejava conhecer. Pôde ser constatado ao longo da investigação, que o trabalho de pesquisa e análise obedecia a certas exigências científicas. Concluiu-se assim que a pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planeada e desenvolvida de acordo com as normas estabelecidas pela metodologia científica. É de salientar a grande limitação deste estudo, que consistiu na falta de disponibilidade por parte dos professores de 1.ºCiclo do Ensino Básico para responderem à entrevista semiestruturada presente neste relatório. A maioria dos professores contactados pelo investigador para responderem à entrevista, apresentaram como argumentos a falta de tempo e de informação relacionada com a temática para a indisponibilidade para participarem neste estudo. Apesar das adversidades encontradas no percurso da realização deste projeto, os dados recolhidos e as análises realizadas, permitiram responder às questões de partida levantadas.

Após analisar e refletir sobre os dados recolhidos nas dez entrevistas semiestruturadas aos professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico, conclui-se que ainda existe um grande caminho a percorrer para se implementar medidas e estratégias pedagógicas adequadas às especificidades dos alunos, sobretudo dos alunos que apresentam perfis de desenvolvimento e aprendizagem mais diferenciados. Os conceitos ligados à Educação Especial e à Diferenciação Pedagógica são identificados pelos professores através de noções claras e objetivas, demonstrando à partida algum esclarecimento e uma visão integradora da Educação.

As suas práticas em sala de aula revelaram preocupação em diferenciar atividades e fornecer tempo extra para a sua realização. O trabalho colaborativo e as tutorias também foram vistas como estratégias para consolidar aprendizagens. A utilização da tecnologia durante a pandemia, foi vista pelos professores, como uma orientação sobretudo para as famílias dos alunos durante esse período, e apesar dos professores considerarem essencial manter a escola num sistema presencial, alguns reconheceram o valor dos conhecimentos digitais que foram obtidos nessa altura, tanto na utilização de jogos interativos e vídeos temáticos, como na preparação de aulas. Contudo a tecnologia, não é referida pela maioria dos professores como estratégia atual de prática pedagógica diferenciada. São apontadas diversas dificuldades à implementação de práticas inclusivas em sala de aula, como o currículo extenso, com a falta de tempo para planificação de atividades, falta de recursos materiais e humanos e até pouca formação disponibilizada, contudo também é possível concluir que nem todos os professores procuraram obter uma formação especializada nestas temáticas, recorrendo com mais frequência a pesquisas ou partilha de ideias com colegas. Os professores têm procurado seguir as medidas e parâmetros da legislação atual nas suas avaliações das aprendizagens, recorrendo às adequações necessárias. Como conclusão, este trabalho de pesquisa identifica que existe ainda alguma dificuldade na diversificação de práticas pedagógicas diferenciadoras em sala de aula e que existe alguma falta de formação específica que permita maior sensibilização para os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos e um conhecimento mais amplo sobre as suas necessidades, assim como metodologias ou técnicas mais adequadas ao ensino-aprendizagem. Seria importante ser reconhecido pelo professor, a heterogeneidade da sua turma e utilizar as diversas experiências dos alunos, na planificação de atividades ou estar disponíveis para

alterações dos planos, de acordo com as necessidades identificadas. Para uma maior consciencialização sobre as necessidades dos alunos torna-se essencial obter formação regular sobre diversas temáticas, pois desta forma o professor estará mais atento, informado e preparado para atuar. Atualmente, o professor não vê a escola, como um ambiente que lhe forneça os recursos suficientes para a prática pedagógica inclusiva e é desejável que a escola possa adotar no futuro, uma organização mais flexível de espaços físicos, de materiais e de professores, técnicos e auxiliares. Contudo o modelo de Escola Inclusiva, está sobretudo ligado a princípios de igualdade de direitos e atitudes promotoras dessa igualdade, que não estão assimilados na cultura das escolas e sobretudo na sociedade. O modelo será mais eficaz, quanto maior for a mudança do pensamento sobre o papel da escola e da sociedade na promoção de igualdade de oportunidades.

## Referências bibliográficas

Ainscow, M. (1995). Education for all: Making it happen” . *Congresso Internacional de Educação Especial*, Birmingham. [http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_38.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_38.pdf).

Balancho, M. J.; Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos - criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Texto Editora.

Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Belo, M. (2011). *Atitudes dos Docentes Face à Educação Inclusiva Enquanto Princípio Filosófico* [Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório Institucional do Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10758>

Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Braun, V.; Clarke, V. (2013). Successful qualitative research: A practical guide for beginners, 1, 3-23. <https://www.researchgate.net/publication/256089360>

Braun, V.; Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. [https://www.researchgate.net/publication/235356393\\_Using\\_thematic\\_analysis\\_in\\_psychology](https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology)

Cardoso, M. R. (2011). *Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais no Ensino Básico: Perspectivas dos Professores*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório Institucional do Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10759/>

Correia, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Porto Editora.

Correia, L. M. (2005). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um guia para Educadores e professores* (pp. 7-21). Porto Editora.

Correia, L. M. (2008). *Dificuldades de aprendizagem específicas: Contributos para uma definição portuguesa*. Porto Editora.

Dalfovo, M. S., Lana, R. A., Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, 2 (4), 1-13.

Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais. (1994). *Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e qualidade*. Ministério da Educação e Ciência de Espanha, Salamanca: Unesco.

Decreto-Lei n.º 43/89 de 3 de Fevereiro. Ministério da Educação.  
[https://www.igf.gov.pt/leggeraldocs/DL\\_043\\_89.htm](https://www.igf.gov.pt/leggeraldocs/DL_043_89.htm)

Decreto- lei nº 319/1991 de 23 de agosto. Diário da República n.º 193/1991, I-A Série. Ministério da Educação.

Decreto-lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro. Diário da República nº 4/08– I Série. Ministério da Educação.

Decreto-lei nº 54/2018 de 6 de julho. Diário da República n.º 129/2018, I Série. Ministério da Educação.

Ferreira, M. (2022). A Theoretical Essay about Inclusion and the Role of Teachers in Building an Inclusive Education. *European Journal of Education and Pedagogy*, 3(3), 97–104. <https://doi.org/10.24018/ejedu.2022.3.3.353>

Ferreira, M. ; Gonçalves, C.S.; Cruz da Silva, C. S; Sempere, G. (2020). Inclusão e diferenciação pedagógica: Dois estudos qualitativos no sistema educativo português. *Rev. Colombiana de Educação*. [online], n.78, pp.321-342. ISSN 0120-3916. <https://doi.org/10.17227/rce.num78-9922>

Ferreira, M.; Prado, S.A.; Cadavieco, J. (2015). Educação Inclusiva: Natureza e fundamentos. *Revista nacional e internacional de educación inclusiva*, v. 8, n.3, pp. 1-11. [https://www.researchgate.net/publication/331149846\\_Educacao\\_Inclusiva\\_Natureza\\_e\\_fundamentos](https://www.researchgate.net/publication/331149846_Educacao_Inclusiva_Natureza_e_fundamentos)

Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, métodos e técnicas*. (3ªEd). Instituto Piaget

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª edição). Editora Atlas S.A.

Leite, R.F.; Pelucio, R.G. O professor reflexivo e sua mediação na prática pedagógica: formando sujeitos críticos. 2010. <https://www.webartigos.com/artigos/o-professor-reflexivo-e-sua-mediacao-na-pratica-pedagogica/36723>

Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas* (2ªed.). Instituto Piaget.

Marques, B. F. (2020). Identificação de respostas educativas para pequenos génios-Um estudo qualitativo sobre o papel do professor na educação de crianças sobredotadas [Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório Institucional do Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35454/>

Morgado, J. (2009). Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Universidade do Minho.,pp.1-14. [https://cie.ispa.pt/ficheiros/areas\\_utilizador/user23/morgado\\_j.\\_2009\\_educacao\\_inclusiva\\_nas\\_escolas\\_actuais.pdf](https://cie.ispa.pt/ficheiros/areas_utilizador/user23/morgado_j._2009_educacao_inclusiva_nas_escolas_actuais.pdf)

Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula. Um Guia para Professores*. Porto Editora.

Rodrigues, D. (2008). Desenvolver a Educação Inclusiva: dimensões do desenvolvimento profissional. *Inclusão Revista da Educação Especial*, 4(2), 7-16

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação* (2ª edição).Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa

Verdasca, J. (2021). A escola em tempos de pandemia: narrativas de professores. *Saber & Educar*, 29 . <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/403>

## **Anexos**

---

## Anexos – Unidades de análise temática

### 1.ª Unidade de análise

Professores	<b>Pergunta 1- Para si, o que é Educação Inclusiva?</b>
P1	Para mim, Educação Inclusiva é aquela que permite que haja lugar para todas as crianças/adolescentes, independentemente da sua condição física/psicológica.
P2	A educação inclusiva é uma educação destinada a todos os alunos independentemente das suas características.
P3	Educação inclusiva, de uma forma muito geral, é uma abordagem em sala de aula em que todos participam, todos estão incluídos no desenvolvimento de uma determinada atividade/tarefa.
P4	Educação inclusiva é o desejo de querer adaptar o ensino/ aprendizagem às capacidades/ necessidades de cada aluno.
P5	Na minha conceção, a Educação Inclusiva visa garantir o direito de todas as pessoas à educação, independentemente de quaisquer patologias de que sejam portadoras, realizada de uma forma integrada.
P6	É uma educação direcionada para todos os alunos, independentemente das suas diferenças, ritmos e estilos de aprendizagem.
P7	É um direito de todos à educação.
P8	Exatamente o que acontece em todas as minhas turmas, incluir alunos com NEE num grupo dito sem dificuldades/necessidades específicas.
P9	Na minha opinião, a Educação Inclusiva permite abranger todas as crianças/jovens no ensino regular, atendendo às suas necessidades individuais. A Educação Inclusiva respeita a individualidade/singularidade de cada Ser e permite encontrar respostas educativas eficazes que ajudam na evolução holística das crianças/jovens.
P10	É um modo de ensino cujo objetivo será garantir o direito a todos de ter uma educação igualitária independentemente dos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos

Professores	<b>Pergunta 2- O que pensa sobre a inclusão de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem em salas de 1º ciclo?</b>
P1	Concordo e penso que seria o ideal. Mas para isso funcionar, teriam que estar reunidas as condições necessárias. O que tem vindo a acontecer é que a inclusão é feita, mas sem os apoios necessários, o que cria muitos constrangimentos, quer para o professor como para os alunos em causa.
P2	Penso que é muito proveitoso para todos os alunos. Os alunos com mais dificuldades evoluem e os alunos com níveis cognitivos mais elevados desenvolvem competências sociais: aprendem a ser generosos e solidários. Os alunos menos competentes a nível cognitivo apresentam outras dimensões muito desenvolvidas que enriquecem toda a turma. A diversidade faz parte da realidade e, por isso, desde cedo, é preciso aprender a viver de forma livre e respeitadora em ambientes diversos. A diversidade é sempre uma riqueza, desde que as escolas forneçam as condições necessárias. Se as condições não estiverem reunidas, a inclusão não só não é conseguida como são desenvolvidos mecanismos de exclusão.
P3	Cada vez mais, os alunos têm diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagens. Cabe ao professor “fazer a ponte” de forma a chegar a todos. É sem dúvida uma tarefa difícil, nem sempre há o tempo, os materiais ou a formação necessária para que tal aconteça. Por vezes, seguimos uma linha de tentativa-erro. Quando descobrimos o caminho certo, percebemos o verdadeiro sentido da escola para determinada criança.
P4	Penso que é fundamental que se faça a inclusão de todos os alunos, aceitando as particularidades de cada um.
P5	Na minha opinião, a inclusão de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem de forma integrada no 1º ciclo visa a adaptação, o nivelamento tanto quanto possível de conhecimentos e a sua preparação desde os primeiros anos de ensino obrigatório para formas de ensino progressivamente mais evoluída e mais complexas, sem qualquer distinção nem marginalização.
P6	Penso que seria benéfico para todos os alunos se houvesse recursos humanos e materiais para trabalhar com os alunos com diferentes perfis de desenvolvimento.

P7	São uma mais- valia para todas as crianças desde que inseridas em turmas com poucos alunos. (+ - 15 alunos)
P8	Acho importante terem a oportunidade de evoluir/progredir, assim como todas as crianças, ainda que sejam adaptadas às necessidades de cada um.
P9	É importante que haja uma Educação Inclusiva, que comece desde o pré-escolar e 1ºCiclo. No entanto, é fundamental referir que os professores e educadores, muitas vezes, não estão preparados para gerir e lidar com certos desafios inerentes a diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem numa sala de 1ºCiclo. Por vezes, nós professores do 1ºCiclo, não temos formação específica em determinadas áreas do Ensino Especial e temos de encontrar ferramentas e recursos que possam ajudar estas crianças a superar as suas dificuldades. Nem sempre é fácil atender às necessidades específicas de cada criança, especialmente quando estão integrados em turmas com diferentes perfis de aprendizagem.
P10	Deve-se ponderar o que é mais benéfico para o aluno mas também para o grupo. Mas no geral, deveriam estar integrados o máximo de tempo em sala.

Professores	<b>Pergunta 3 - Qual é a sua opinião sobre o acompanhamento que é dado a estes alunos?</b>
P1	Respondi a essa questão anteriormente, no entanto, reforço que o acompanhamento dado a estes alunos fica muito aquém do fundamental.
P2	O acompanhamento dado a estes alunos depende muito das prioridades da escola onde se integram. Normalmente, estes alunos não usufruem dos apoios que necessitam. Os alunos precisam de um professor de apoio dedicado, de serem sinalizados atempadamente e devidamente consultados por psicólogos e médicos. A redução de turma é útil, mas não é suficiente. Os professores de apoio dispersam-se por imensos alunos, que nem sempre são os que mais necessitam desse apoio. Uma triagem adequada e bem fundamentada levada a cabo por agentes credíveis como psicólogos, médicos e professores de educação especial evitaria esta dispersão dos recursos existentes.
P3	Por acompanhamento dado, entendo apoio especializado, e esse é insuficiente. Tanto em contexto de escola pública como privada.

P4	Na Associação Cultural onde trabalho, há condições para concretizar o desejo de inclusão que, aliás, é um dos pilares que orienta a sua concepção pedagógica.
P5	Relativamente à minha experiência acerca do acompanhamento que é dado a estes alunos, não posso afirmar que as atuais condições sejam as ideais, eventualmente por carência de técnicos especializados. É meu parecer que seria desejável, já num futuro próximo, que os professores das diferentes disciplinas sejam permanente e devidamente acompanhados por técnicos especializados nas diferentes áreas sujeitas a inclusão, como sejam, terapeutas, psicólogos, psicopedagogos, etc, trabalhando todos em conjunto e em sintonia para a mesma finalidade.
P6	O acompanhamento é insuficiente e fica muito aquém do desejado e do espectável.
P7	O acompanhamento destes alunos é cada vez mais reduzido e insuficiente para um acompanhamento eficaz.
P8	Ainda é insuficiente para a quantidade de crianças a necessitar de um acompanhamento individual, específico e adaptado.
P9	Na minha opinião, os professores titulares fazem o seu melhor e tentam acompanhar e ajudar no progresso das aprendizagens destes alunos. No entanto, seria fundamental que estas crianças/jovens beneficiassem de mais tempo com professores especializados do Ensino Especial, no sentido de colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos e ajudá-los a progredir nas suas competências e aprendizagens.
P10	Os apoios são insuficientes. Deveria haver mais acompanhamento semanal de professores de Educação Especial.

Professores	<b>Pergunta 4 - Para si, o que é a Diferenciação Pedagógica?</b>
P1	É um ensino individualizado, adaptado às especificidades apresentadas por cada aluno.
P2	A diferenciação pedagógica tem em conta a avaliação e adapta o ensino às características do aluno. Por isso tem em consideração as suas potencialidades e dificuldades.
P3	Diferenciação pedagógica e escola inclusiva estão diretamente ligadas. Adaptar a sala de aula, tanto em termos de conteúdos, como a abordagem desses conteúdos ou até mesmo a estrutura da sala de aula, é na realidade estar a pensar numa Educação Inclusiva.
P4	A Diferenciação Pedagógica é a procura de estratégias adequadas aos diferentes alunos, encontrando-se eles em diferentes níveis de aprendizagem.
P5	A Diferenciação Pedagógica pode-se entender como a diversificação de processos e métodos pedagógicos visando a adaptação do ensino e a otimização da aprendizagem a fim de obter os melhores resultados dentro da diversidade das situações apresentadas pelos alunos individualmente e nas suas interrelações.
P6	É o conjunto de práticas pedagógicas que adaptam o processo ensino-aprendizagem a cada aluno tendo em conta as especificidades de cada um.
P7	É a adaptação de estratégias e medidas que ajudam ao processo de ensino e aprendizagem e às necessidades de cada aluno/grupo.
P8	Poder distinguir as fragilidades de cada um e adaptar o contexto, os materiais, etc...segundo o que os alunos precisam para que haja progressão, ainda que seja mais lenta e precise de mais cuidados, atenção e o “querer fazer mais e melhor”.
P9	Na minha opinião, Diferenciação Pedagógica significa encontrar diferentes metodologias e estratégias que possam ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades e a progredirem nas suas aprendizagens, nas diferentes áreas de conhecimento.
P10	É fazer a adequação necessária para que o aluno atinja os mesmos resultados dos restantes

Professores	<b>Pergunta 5 - Quais são as dificuldades associadas à implementação de práticas de Diferenciação Pedagógica em sala de aula?</b>
P1	A falta de recursos humanos, materiais e físicos.
P2	Uma sala de aula com um professor em monodocência que, para além de imensas funções inerentes ao cargo de diretor de turma, também leciona todas as disciplinas, durante 25 horas semanais a 25 alunos não se pode pedir muitas estratégias de diferenciação pedagógica. Quando existe algum aluno que, pelas suas características, perturba, sistematicamente, uma turma não deverá ser apenas o professor titular de turma o responsável pela situação. A solução para situações destas, que surgem com frequência nas salas de aula, devem ser da responsabilidade da direção da escola e do agrupamento, que deverá ajudar a resolver atempadamente. Estas situações são por sistemas empurradas para o professor, o que, além de não resolver o problema, cria uma situação de injustiça para o professor, para o aluno e para a turma. Alguns alunos pelas suas características necessitam da intervenção de um segundo professor, que raramente surge. O professor de apoio presta apoio duas ou três horas semanais a um aluno, o que é manifestamente insuficiente para algumas situações.
P3	Na minha perspetiva, o tempo e a pressão de cumprir um determinado programa. Pensar em cada um dos alunos, na forma adequada de chegar a cada um deles e gerir um currículo, é algo que nem sempre é realista e alcançável.
P4	O tempo, esforço e dedicação fora do tempo de aula na planificação e preparação das atividades.
P5	As dificuldades associadas à implementação de práticas de diferenciação pedagógica dizem respeito à inexistência de processos e métodos seguros e eficazes que permitam obter com total certeza os resultados pretendidos, dependendo muito dos recursos existentes na escola e da capacidade do professor de experimentar alternativas diversas mas correndo sempre o risco de não obter resultados satisfatórios.
P6	Muitos alunos em sala de aula. Poucos recursos humanos especializados nas diferentes problemáticas. Poucos recursos materiais específicos.
P7	Principalmente o número elevado de alunos nas turmas e a falta de recursos materiais e humanos nas escolas.

P8	Falta de material, conhecimento sobre a especificidade de cda caso e falta de acompanhamento de professores de ensino especial.
P9	Como já referi anteriormente, os professores do 1ºCiclo e educadores, muitas vezes, não têm formação especializada em determinadas áreas do Ensino Especial. Assim sendo, seria fundamental que estas crianças/jovens beneficiassem de mais tempo letivo com professores especializados do Ensino Especial, no sentido de colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos e ajudá-los a progredir nas suas competências e aprendizagens.
P10	O tamanho das turmas é um ponto fulcral. E se acrescentarmos as dificuldades dos alunos, é muito exigente para o professor e os currículos são exagerados, pois os alunos não maturidade suficiente para as compreender.

Professores	<b>Pergunta 6 - De que forma é que inclui todos os alunos numa aprendizagem significativa?</b>
P1	Na maioria das vezes, esta é uma situação quase utópica. No entanto, procuro conhecer as dificuldades de cada um e traçar estratégias diferenciadas e métodos de ensino que possibilitem conseguir chegar a todos de forma equitativa.
P2	Para incluir todos os alunos tento realizar atividades acessíveis a todos ou atividades em que os alunos mais competentes exerçam funções mais exigentes. Geralmente, nestas atividades há um clima claro de cooperação e nunca são atividades de cariz competitivo. Uso com frequência diversos materiais: audiovisuais e materiais manipuláveis, mas recorro muito ao diálogo em contexto da sala de aula. Os alunos gostam de se expressar e de ouvir os colegas e para que a aprendizagem seja significativa terá de partir das suas vivências. A atenção individualizada ajuda a criar o lugar de cada aluno naquela turma e a valorizar a presença e o contributo de todos.
P3	Conhecer muito bem os alunos, as suas potencialidades e fragilidades é fundamental para a inclusão, na construção de aprendizagens significativas. Pessoalmente, recorro muito a atividades práticas, de exploração e de desenvolvimento da autonomia. Recorro muito a trabalho a pares ou em grupo, provocando assim a aprendizagem de alunos com mais dificuldades através de colegas que estejam mais à vontade num determinado tema.
P4	Tentando criar um clima de empatia e interesse pelas atividades propostas.
P5	A aprendizagem significativa requer, em minha opinião e conforme tenho posto em prática, uma apresentação da matéria feita através da realização de diferentes exercícios que possam constituir uma aliciante para todos os alunos, de modo a relacioná-la em circunstâncias várias e levando à sua memorização, tais como o uso de puzzles, bem como a exibição de vídeos, canções gravadas ou a realização de jogos e a dramatização. É um método que se aplica mais a uns alunos e menos a outros, conforme a sua heterogeneidade, complementando-o ou substituindo-o pela aplicação de desenhos e objetos e figuras para colorir, que faço incidir especialmente nos alunos com dificuldades de integração. Em ambos os casos, procuro sempre que haja nessas tarefas, o empenhamento de todos, com espírito de colaboração, entreaajuda e solidariedade, não descurando o aspeto lúdico que lhes deve estar sempre presente na justa medida.
P6	Tentando chegar a todos os alunos, criando muitas parcerias entre alunos e muita interajuda.

P7	Adaptando as atividades e estratégias às necessidades de cada aluno.
P8	Adaptando os materiais, a avaliação, a organização da sala e havendo uma boa relação escola-família.
P9	<p>Ao longo destes últimos anos letivos tive sempre presente, o tipo de alunos a quem me dirigia, adequando as estratégias ao nível etário, maturidade, interesses, dificuldades dos alunos e respeitando sempre as orientações presentes no projeto educativo individual de alguns alunos. Enriqueci sempre que possível as aulas com material didático de forma a motivar os alunos, facilitando-lhes a aquisição dos conhecimentos. Procurei que o local de realização das aulas fosse um ponto de partida para a aprendizagem, que fomentasse o gosto pela descoberta. Os planos de aula foram sendo elaborados e alterados, atendendo aos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. As aulas foram sempre preparadas com antecedência e com a preocupação de escolher situações de aprendizagem que apresentassem um maior potencial de desenvolvimento para os alunos e que simultaneamente fossem as mais agradáveis e motivadoras para os mesmos. Todos os conteúdos planificados foram abordados de forma gradual e progressiva, cumprindo assim todas as adequações curriculares individuais. A avaliação foi formativa, contínua, progressiva e sumativa do final de cada período, o que foi muito importante para poder acompanhar a evolução dos alunos e apontar metas/estratégias para os poder ajudar a ultrapassar as suas dificuldades. Criei, de forma contínua, em relação às dificuldades apresentadas pelo aluno, situações que lhe permitiram desenvolver a segurança em si próprio, favorecendo a sua autoestima. Em especial, recorri ao “reforço positivo”, elogiando ou valorizando, sempre que conveniente, respostas e determinadas atitudes, em especial em alunos mais inseguros. Sensibilizei os alunos sobre a importância do respeito pela pessoa humana e pela preservação da Natureza; demonstrei, constantemente, lealdade, espírito de tolerância e compreensão associados a atitudes de firmeza e justiça que implicaram o desenvolvimento do respeito mútuo. Intervim, em situações de dificuldade de inter-relacionamento dos alunos, com vista ao desenvolvimento do respeito, da compreensão, da amizade e da solidariedade; tratei sistematicamente, cada aluno como uma individualidade, chamando-o pelo nome, respeitando a sua afetividade, os seus valores e as suas limitações. Quando surgiram problemas comportamentais, procurei resolvê-los no imediato, conversando com os alunos para que eles não se esquecessem das regras de conduta estabelecidas no início do ano letivo.</p>

P10	Através da planificação em função do grupo e depois pensar especificamente nos alunos com mais necessidades. Utilizar um jogo, uma canção ou um filme. O assunto é geral mas as tarefas são diferenciadas.
-----	--

Professores	<b>Pergunta 7- Qual o papel do aluno e do professor na implementação de uma pedagogia diferenciada?</b>
P1	Acima de tudo, a relação humana é a base para o sucesso. Sem estar criada uma empatia na relação aluno/professor, dificilmente será alcançado o pretendido.
P2	O papel do professor deverá ser o de um gestor, um supervisor de um trabalho que se realiza com muita autonomia, porque está adequado às capacidades do aluno e foi previamente preparado e explicado. Só um trabalho devidamente direcionado ao aluno concreto com as suas características e destinado a ajudar a superar as dificuldades sentidas é que permite a implementação da pedagogia diferenciada. O professor é o grande mobilizador desta pedagogia, embora no contexto da aula pareça ter um lugar secundário. Um professor atento ajuda, atempadamente, os alunos a superarem dificuldades, porque conhece bem os alunos e sabe quando necessitarão da sua ajuda ou de um reforço da aprendizagem. Muitas vezes a diferenciação é feita instantaneamente, porque o professor conhece os seus alunos.
P3	O papel do aluno e do professor é sempre de um compromisso com a aprendizagem. Na perspetiva do aluno, de dar o seu melhor e contribuir para a construção da sua própria aprendizagem. Na perspetiva do professor, de perceber a melhor forma de chegar a determinado aluno, recorrendo a todas as estratégias que estejam ao seu alcance e, fundamentalmente, nunca desistir.

P4	Para o professor, a implementação de práticas de Diferenciação Pedagógica implica a preparação de materiais, planificação e abordagem dos conteúdos, pensando nos diferentes alunos da turma. Para os alunos, é necessário ajudá-los a aceitar que nem todos se encontram ao mesmo nível, sem que, contudo, isso possa ser um problema: aos que se encontram num nível mais seguro, evitar que se vangloriem; aos outros, que se sintam inferiorizados.
P5	A pedagogia diferenciada como uma atitude, uma abordagem no ensino e uma estratégia de adaptação implica da parte do professor um maior esforço, um posicionamento múltiplo às características que cada aluno apresenta, às suas idiossincrasias, às dificuldades e capacidades que lhe são inerentes, no sentido de encontrar um denominador comum para todos eles na transmissão do conhecimento e ao mesmo tempo atender a essas diferenças, buscando atenuá-las ou potenciá-las, conforme os casos. O papel que o aluno deve desempenhar convirá que seja colaborante e interessado, de acordo com essas especificidades e capacidades, na proporção em que cada possa contribuir, cabendo ao professor permanentemente a procura desse objetivo.
P6	O aluno tem de estar predisposto à aprendizagem, principalmente em termos emocionais. O professor tem o papel de orientador de todo o processo ensino- aprendizagem.
P7	O aluno deve estar aberto a novas metodologias e diferentes estratégias, assim como o professor. Este deverá orientar a os alunos nas suas diferenças.
P8	Deverá haver consciência e responsabilidade em ambos.

P9	<p>Tenho como principal objetivo promover o sucesso dos alunos. Desta forma procuro desenvolver práticas pedagógicas diversificadas que permitem a melhoria do desempenho dos alunos respeitando as suas capacidades e os seus níveis de desempenho. Estou sempre atenta às dificuldades dos alunos mostrando-me, sempre que possível, disponível às suas solicitações dentro e fora do contexto de aula. Procuro também detetar as necessidades, interesses, aptidões e vocações dos mesmos para melhor conduzir o processo educativo. Crio, de forma contínua, em relação às dificuldades apresentadas pelos alunos, situações que lhe permitem desenvolver a segurança em si próprio, favorecendo a auto estima dos alunos. Em especial, recorro ao reforço positivo, elogiando ou valorizando sempre que conveniente os desempenhos e, sobretudo, as atitudes. Diversifico as metodologias e estratégias de acordo com a problemática dos alunos, o seu desempenho e ritmo escolar e as aprendizagens adquiridas anteriormente. As estratégias e metodologias adaptadas partem sempre de uma avaliação diagnóstica. Tenho sempre como objetivo reforçar a aprendizagem dos conteúdos curriculares, permitindo aos alunos superar as suas dificuldades e obter melhores resultados.</p>
P10	<p>O professor deve estabelecer uma relação de confiança e partilha com o aluno, fazendo-o parte integrante da aprendizagem.</p>

Professores	<b>Pergunta 8 - Que metodologias e estratégias utiliza ao trabalhar com alunos com diferentes ritmos de aprendizagem?</b>
P1	As que estão emanadas no Decreto Lei 54/2018, atendendo à condição do aluno e ao seu progresso.
P2	Os alunos agrupados por níveis de conhecimento é uma forma de organização que ajuda o professor a exercer a sua função de gestor da aprendizagem, que preparou trabalhos diferente para cada grupo de alunos. Outras vezes, misturar nos grupos alunos com diferentes níveis de conhecimentos também ajuda, quando o trabalho é de colaboração. Através de um computador com um programa educativo adequado o aluno poderá consolidar e aplicar alguns conhecimentos. A correção automática feita pelos computadores também ajuda a esta diferenciação pedagógica. No entanto, esta atividade implica que estejam disponíveis computadores para alguns alunos. A utilização de audiovisuais também é muito útil, porque motiva e ajuda a memorizar, ao mobilizar todos os sentidos no processo de aprendizagem. No entanto, tudo isto implica que os recursos estejam disponíveis e funcionem, o que nem sempre acontece.
P3	Como disse anteriormente, recorro muito ao trabalho a pares e em grupo. Para além disso, desenvolvo o Tempo de Estudo Autónomo (1h por dia), em que cada um é responsável pelo seu Plano Individual de Trabalho, procurando trabalhar as suas dificuldades, ao seu ritmo. Aproveito também esse tempo para apoiar os alunos com mais dificuldades. Na minha sala de aula, tenho uma aluna com Trissomia 21, que desenvolve competências um pouco diferentes dos restantes alunos de 4ºano. Estou a construir com ela, ao seu ritmo, um portfólio próprio, que cruza alguns conteúdos 4ºano, com as devidas adaptações às suas características. É muito importante para ela (e para a turma) que ela esteja sempre incluída no que está a ser trabalhado, ou pelo menos a maioria das vezes. Tem sido um grande desafio e uma grande aprendizagem.

P4	Não tenho nenhuma metodologia nem estratégia pré-definida. No entanto, procuro um acompanhamento individual com o aluno fora dos momentos de aula sempre que necessário, o que só é possível, porque na Associação dispomos de um horário presencial de 8 horas diárias, para alunos e professores. Procuro ainda que haja interajuda entre os alunos dos diferentes níveis, o que permite partilha de conhecimento, colaborando com o papel do professor e desenvolvendo nos alunos um sentido de solidariedade (outro pilar da conceção pedagógica da Associação).
P5	Ao trabalhar com uma turma composta por alunos que possuem diferentes ritmos de aprendizagem, tento aplicar várias atividades de conteúdos iguais ou diferentes, respeitando sempre o tempo de cada criança. Penso que a criatividade do professor é um dos pontos-chave para lidar com esta situação e para tornar uma aula diferente e animada. Boas estratégias passam por propor aos alunos trabalhos de grupo, realização de posters temáticos, de dramatizações, de jogos didáticos, etc., tentando melhorar o desempenho daqueles alunos que apresentam uma evolução mais lenta na sua aprendizagem.
P6	Trabalho a pares, tutoriais e atividades adaptadas aos diferentes ritmos e níveis dos alunos.
P7	Trabalho de pares e de grupos. Trabalho diferenciado em sala de aula e em casa com a família. Tutoria entre alunos e com o professor.
P8	Dar mais tempo; explicar oralmente as instruções as vezes que forem necessárias; adaptar os materiais; criar tutorias dentro de cada grupo; privilegiar o tempo de estudo autónomo para que as crianças construam o seu próprio caminho, tendo mais consciência do percurso e dos objetivos a atingir; realizar muitos trabalhos de projeto, seguindo os gostos dos alunos e partindo daí para uma aprendizagem mais significativa.

P9	<p>Ao longo destes últimos anos letivos tive sempre presente, o tipo de alunos a quem me dirigia, adequando as estratégias ao nível etário, maturidade, interesses, dificuldades dos alunos e respeitando sempre as orientações presentes no projeto educativo individual de alguns alunos. Enriqueci sempre que possível as aulas com material didático de forma a motivar os alunos, facilitando-lhes a aquisição dos conhecimentos. Procurei que o local de realização das aulas fosse um ponto de partida para a aprendizagem, que fomentasse o gosto pela descoberta. Os planos de aula foram sendo elaborados e alterados, atendendo aos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. As aulas foram sempre preparadas com antecedência e com a preocupação de escolher situações de aprendizagem que apresentassem um maior potencial de desenvolvimento para os alunos e que simultaneamente fossem as mais agradáveis e motivadoras para os mesmos. Todos os conteúdos planificados foram abordados de forma gradual e progressiva, cumprindo assim todas as adequações curriculares individuais. A avaliação foi formativa, contínua, progressiva e sumativa do final de cada período, o que foi muito importante para poder acompanhar a evolução dos alunos e apontar metas/estratégias para os poder ajudar a ultrapassar as suas dificuldades. Criei, de forma contínua, em relação às dificuldades apresentadas pelo aluno, situações que lhe permitiram desenvolver a segurança em si próprio, favorecendo a sua autoestima. Em especial, recorri ao “reforço positivo”, elogiando ou valorizando, sempre que conveniente, respostas e determinadas atitudes, em especial em alunos mais inseguros. Houve um processo reflexivo de observação, planeamento, ação e avaliação do trabalho desenvolvido, de forma a adequar sempre a prática às necessidades e interesses das crianças. Acredito que o mais importante é a conduta docente que o professor/educador adota com as crianças, ou seja, os caminhos que desenvolve para transmitir uma informação, para formar vínculos positivos com as crianças e levá-las a vivenciar diferentes experiências, pois é a partir destas que se desenvolve a capacidade de aprendizagem, de observação, de experimentação, a curiosidade de saber e a atitude crítica.</p>
P10	Dividi a turma em grupos de trabalho, com trabalho diferenciado.

Professores	<b>Pergunta 9 - Como avalia as competências desses alunos?</b>
P1	A avaliação é feita de forma qualitativa e quantitativa. Utilizo grelhas de observação, questionários, relatórios reflexivos pessoais, ...
P2	Avalio os trabalhos que os alunos produzem, a forma como se expressam, oralmente, plasticamente, e a linguagem não verbal utilizada. A forma como se integram nas atividades e como cumprem as regras, o ritmo de trabalho. Tudo fornece elementos de avaliação, mas também preparo diversos instrumentos de avaliação, quando tenho na turma alunos com níveis de conhecimentos diferentes.
P3	Na minha opinião, a avaliação é feita diariamente. Através da participação, do envolvimento nas atividades e nas tarefas propostas. Para além disso, a avaliação também é feita semanalmente através do Plano Individual de Trabalho, por eles e por mim. Cada um é responsável por essa avaliação. Se trabalhou bem, muito ou pouco, e se foi ao encontro das suas dificuldades. Em alunos com mais dificuldades, com acomodações definidas pelo decreto-lei nº54/2018, adapto as fichas de avaliação que fazemos no final de cada período, tanto em forma, como em tempo disponível, ou até mesmo em conteúdo.
P4	Os Gambozinos são uma Associação que desenvolve atividades de apoio a alunos que se encontram no regime de ensino doméstico. A avaliação propriamente dita é feita pelas escolas públicas onde as crianças estão obrigatoriamente inscritas. Da nossa parte, a avaliação é qualitativa para os alunos. Usamos o mesmo instrumento de avaliação para todos os alunos. O professor diferencia, no entanto, a avaliação, adequando-a às capacidades de cada aluno. Para orientação do professor, há uma grelha quantitativa.
P5	A avaliação das diferentes competências é feita através da observação e análise diária, atenta e constante de cada aluno permitindo ao professor entender o ritmo da sua aprendizagem. Além desta avaliação contínua também se elaboram testes ligeiramente diferenciados e adaptados às capacidades em presença.
P6	Ao longo de todo o processo-aprendizagem.
P7	Avaliação formativa e principalmente observação do seu desempenho diário.
P8	Especialmente o que eles têm para mostrar. Uns têm mais facilidade na oralidade, portanto privilegio a oralidade/expressão oral. Outros necessitam de implementar trabalhos escritos e com criatividade. Deste modo, acabo por avaliar os pontos mais fortes e ajudá-los no que precisam de evoluir.

P9	A avaliação das aprendizagens respeitou as medidas adotadas no Projeto Educativo Individual (PEI) de cada aluno. Na elaboração dos instrumentos utilizados respeitou-se a planificação e procurou-se que os mesmos fossem inovadores e eficazes. Na avaliação utilizaram-se diferentes procedimentos: avaliação de diagnóstico, observação direta, avaliação contínua e avaliação trimestral. O resultado da avaliação dos alunos foi utilizado na preparação, organização e realização das atividades. Procurei reformular e readaptar a planificação anterior, fornecendo orientações adequadas aos alunos que lhes permitissem obter melhores resultados escolares. Recorreu-se a instrumentos de trabalho que proporcionassem aos alunos a sua autoavaliação.
P10	Usava grelhas diferenciadas.

Professores	<b>Pergunta 10 - Considera importante a interação de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem? Como potencia esse facto na sua sala de aula?</b>
P1	Obviamente que sim. Uma das estratégias é a criação de trabalhos de grupo ou pares, em que exista heterogeneidade.
P2	Considero muito enriquecedor desde que os alunos não perturbem o funcionamento das aulas nem se incomodem uns aos outros. Tento estabelecer um clima de cordialidade entre todos. Procuo que todos se expressem na sala de aula e que todos aprendam ainda que a ritmos diferentes. Aos alunos que aprendem com mais facilidade forneço mais material, de forma a continuarem a trabalhar sem precisarem de estar sempre à espera dos outros. Aos alunos com mais dificuldade presto muita atenção individualizada, para que acompanhem o ritmo que quero imprimir à turma e forneço o trabalho que considero necessário e adequado para superarem as suas dificuldades. Reforço aprendizagens, sistematizo e consolido conhecimentos. Estou atenta aos pré-requisitos necessários para a aquisição dos conhecimentos. Tento ajustar o ritmo de trabalho à turma e elaboro muitas atividades colaborativas, além de criar um ambiente de interajuda dentro da sala de aula. Não permito que os alunos com dificuldades no cumprimento das regras perturbem o bom funcionamento da turma, de forma que todos aprendam.
P3	Considero fundamental, pois a dinâmica de diferentes perfis potencia a aprendizagem de todos. Os que têm mais dificuldades estão muito recetivos à ajuda de colegas, e os colegas com menos dificuldades, aprendem ao ensinar/ajudar os colegas. Como referi anteriormente, promovo na minha sala o trabalho a pares, estrategicamente escolhidos para essa entreaajuda.

P4	Sim, considero importante essa interação como meio de potencializar a aprendizagem e valores.
P5	Não só considero essa interação importante como indispensável e a sua potenciação na sala de aula é levada a efeito por meio de tarefas conjuntas que permitam a troca de conhecimentos e experiências. Dentro destas tarefas conjuntas, saliento a utilização de jogos didáticos que são uma ferramenta que o professor pode usar para favorecer o ensino de diversos conteúdos em sala de aula, contribuindo para a motivação e interação da aprendizagem do aluno. Assim, o jogo funciona como um recurso que o professor pode utilizar de uma forma adequada, para que os alunos possam aprender conteúdos educativos e interagir num meio social que, neste caso, é a sala de aula. Assim, concluo que este tipo de atividade proporciona ao mesmo tempo um desenvolvimento intelectual de forma agradável e atrativa e potencia ainda a interação prazerosa entre os próprios alunos.
P6	Sim. Trabalhando muito a interajuda, o respeito pelo outro e a amizade.
P7	A interajuda de alunos é para mim a melhor forma de interação de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem, assim como proporcionar aos alunos atividades conjuntas com o grande grupo/turma.
P8	Muito. Dando importância, falando, criando experiências entre todos.
P9	Sim, considero importante a interação de alunos com diferentes perfis de desenvolvimento e aprendizagem. No ano letivo anterior, fui professora titular numa turma com alunos de diferentes perfis. Na maioria das vezes, permitia que eles interagissem e ajudassem mutuamente nas suas aprendizagens, em contexto de sala de aula. Estes alunos sentiam-se motivados e entusiasmados por ajudarem os colegas com maiores dificuldades. Considero que é uma estratégia potenciadora ao nível das aprendizagens e aumenta a confiança e auto estima das crianças.
P10	Eu sempre distribui as tarefas e procurei arranjar tarefas extras para incluir alunos com mais dificuldades. Também juntava alunos, formando pares de alunos que se pudessem ajudar entre si.

Professores	<b>Pergunta 11 - Sente-se pedagogicamente preparado/a para trabalhar com alunos com diferentes perfis de desenvolvimento? Porquê?</b>
P1	Nem sempre me sinto preparada, até porque, sinto cada vez mais a necessidade de um apoio especializado para alunos com Medidas adicionais e seletivas.
P2	Sinto-me preparada, mas a forma como a escola está organizada não permite um trabalho adequado para alunos com diferentes perfis de desenvolvimento. As escolas trabalham para o aluno médio, com um único professor por turma, monodocência, e são muito competitivas. O professor não tem tempo no seu horário para preparar a diversidade de materiais necessária a este tipo de trabalho. A organização escolar e, inclusivamente, a cultura escolar teriam de ser outras. Esperam o mesmo de todos, ainda que todos sejam muito diferentes e penalizam os que não chegam, no tempo estipulado, aos objetivos previamente definidos...Adquiri preparação através da frequência de ações de formação na área da educação especial, na docência num Centro de Reinserção Social, na docência em diversos territórios de intervenção prioritária, na docência na educação especial e nos apoios educativos.
P3	Depende dos perfis de desenvolvimento. Tenho sentido muitas dificuldades no trabalho com alunos com quadro de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção e Trissomia21. Um quadro de PHDA é um desafio constante ao longo do dia, por todas as características que uma criança com este diagnóstico apresenta. Tem sido muito difícil gerir comportamentos e não deixar que os restantes sejam prejudicados. A trissomia21 também tem sido uma grande aprendizagem na minha prática pedagógica. Adaptar todos os materiais que desenvolvo, criar outros específicos e ainda procurar estratégias para que se sinta incluída, não só na aprendizagem, mas também na questão social, tem sido um grande desafio, mas também uma fonte de grandes conquistas. Sinto que a minha formação inicial foi insuficiente, para dar resposta a estes casos.
P4	Embora sem preparação específica de ensino especial, há nos Gambozinos um ambiente favorável ao estímulo da diferenciação pedagógica, que me ajuda a realizar este trabalho. No entanto, alunos diagnosticados com NEE, podem exigir um acompanhamento específico que não é dado por mim.

P5	A minha preparação pedagógica resultou em parte da frequência do mestrado, mas essencialmente do conhecimento empírico resultante da atividade prática com este tipo de alunos e do intercâmbio com outros colegas docentes e discentes. Nunca poderei dizer que estou totalmente preparada, porque cada caso é um caso, com matizes diferentes.
P6	Não. Não tenho formação especializada para as problemáticas que têm surgido na escola.
P7	Sim, já é uma constante. É para mim um grande desafio e tenho a noção que os resultados dos alunos (todos) são sempre superior aos dos grupo nível, principalmente a nível de competências adquiridas.
P8	Ainda me sinto insegura e frágil, porque cada aluno tem o seu perfil e a sua necessidade. Nem sempre é fácil incluir e ajudar essa criança num contexto de estabelecimento privado, sem os recursos necessários (material e humano).
P9	Neste momento, já sinto-me preparada para trabalhar com alunos de diferentes perfis de aprendizagem, porque fui adquirindo ferramentas e estratégias para que os alunos consigam desenvolver as suas aprendizagens e superar as suas dificuldades. No entanto, saliento a importância de termos formação no Ensino Especial e apoio de colegas especializados nesta área, para que todos juntos consigamos ajudar estas crianças.
P10	É no dia-a-dia que vamos aprendendo e procurando ser a mais humana e próxima dos alunos. É importante estabelecer uma relação de confiança

Professores	<b>Pergunta 12 - Ao longo do seu percurso profissional que formação fez na área da Educação Inclusiva?</b>
P1	Apenas frequentei algumas ações de formação, que no meu entender, de pouco serviram. A urgência para que a Educação Inclusiva seja bem sucedida passa por um reforço de recursos humanos e materiais nas escolas, o que não acontece.
P2	Em 2021, participei num encontro digital dinamizado por Eduardo Sá intitulado “Saúde Mental para professores e alunos!” Em 2019, concluí a formação de 25 horas, organizada pelo Centro de formação do SIPE “Compreender Educação inclusiva: sistematizar práticas de inclusão” com a avaliação de 10 valores. Também participei numa ação de formação, de 4 horas, intitulada “Cidadania e desenvolvimento – operacionalização do currículo”, organizada pelo Centro de Formação de escolas do Porto Ocidental. Em 2018, concluí com 9 valores uma formação contínua de 25 horas em Microsoft Excel na atividade docente – nível intermédio organizado pelo Centro de Formação das escolas de Porto Ocidental. Em 2013, participei numa ação de sensibilização pró-saúde mental com a duração de uma hora e trinta, no âmbito do projeto “Professores UPA”. Em 2013, também frequentei uma ação de formação de 50 horas organizada pela escola superior de educação Paula Frassinetti intitulada “Metodologia da escrita e da leitura” que concluí com 9 valores. Em 2010, frequentei uma ação de formação de 25 horas intitulada “Tecnologias de apoio no processo de ensino-aprendizagem inclusivo a alunos com necessidades educativas especiais” organizada pela Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Em 2009, frequentei uma ação de formação de 50 horas, organizada pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e intitulada “Curso de Formação em Educação Especial” A minha formação contemplou a educação especial, as novas tecnologias e a cidadania, porque considero serem áreas complementares. No entanto, também fiz uma atualização na minha área específica de ensino da escrita e da leitura.
P3	Quando saíram os decretos de lei nº54 e 55 de 2018, tive uma formação sobre os mesmos, numa perspetiva de pôr em prática a Educação Inclusiva.
P4	A formação que fiz foi a licenciatura na Escola Superior de Educação do Porto.

P5	Embora pareça que se encontre disposta a obrigatoriedade por parte dos estabelecimentos de ensino e das suas direções pedagógicas de proporcionar aos respetivos docentes, ações de formação nesta área, nunca tal me foi proporcionado e a minha autoformação resultou especialmente da necessidade decorrente da confrontação com este tipo de situações, nomeadamente a dislexia e o autismo, para o que concorreu a interajuda com colegas, educadoras e terapeutas e também a preparação que adquiri a partir de alguma pesquisa que efetuei. No entanto, não ignoro as grandes dificuldades que cada caso apresenta, nem sempre passíveis ou mesmo impossíveis de superar.
P6	“Práticas pedagógicas promotoras da inclusão”.
P7	Já fiz algumas específicas de problemáticas.
P8	Nenhuma. Apenas leituras e interesse próprio na pesquisa.
P9	Neste momento, não tenho formação na área da Educação Inclusiva.
P10	Fiz uma especialização em Educação Especial e depois prossegui para o mestrado em Psicologia Educacional.

Professores	<b>Pergunta 13 - Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a atualização de conhecimentos e de desenvolvimento profissional na área da Educação Inclusiva?</b>
P1	Volto a repetir, não há formação que consiga colmatar o deficiente número de professores especializados nas escolas para apoiar as necessidades de alunos com condições diferenciadas. No meu percurso profissional já tive alunos com necessidades muito específicas. A título de exemplo, lecionei numa turma com uma aluna com Trissomia 21. A aluna tinha apoio duas vezes por semana, durante uma hora. Senti-me muito perdida durante esses quatro anos, pois sei que aquela aluna precisava de muito mais do que a escola teve para lhe proporcionar.

P2	Antes de mais há toda uma filosofia de educação que necessita de ser muito sistematizada para que seja possível contrariar uma cultura ainda muito vigente nas escolas e que não favorece nada a educação inclusiva. Formação em cidadania Formação específica para a educação de alunos disléxicos, cegos, surdos, com problemas mentais e/ou emocionais.... Formação em gestão do currículo; Formação em estratégias de trabalho colaborativo ; Formação em gestão de conflitos e em metodologias de ensino
P3	Uma formação com uma componente muito prática, na construção de materiais e de estratégias de sala de aula eficazes.
P4	Não sei.
P5	Reconheço que a preparação dos professores na área da Educação Inclusiva necessita de revisão curricular com a sua extensão à aquisição de conhecimentos básicos e essenciais relativamente à natureza, características e formas de acompanhamento dos tipos de patologia mais comuns a considerar, compreendendo técnicos psicopedagógicos, mesmo técnicos de psicologia clínica e, eventualmente, da terapia ocupacional, entre quaisquer outras a determinar.
P6	Diversas formações sobre cada uma das problemáticas mais frequentes: Autismo, Trissomia 21, baixa visão...
P7	Diversificação de estratégias.
P8	A mestria no Ensino Especial deveria ser a prioridade.
P9	Penso que seria muito importante a formação de docentes para ajudar as crianças com espectro do autismo, integradas em turmas do ensino regular. Além disso, é fundamental haver formação perante os diversos desafios que surgem permanentemente no campo da Educação. Formações presenciais e com acompanhamento do grupo/turma seria uma mais valia para o Ensino do 1ºCiclo.
P10	Devia haver cadeiras anuais em Educação Especial nos cursos de Educação.

Professores	<b>Pergunta 14 - Durante o contexto de pandemia, desenvolveu práticas de diferenciação pedagógica? Quais?</b>
P1	Sim. Mantive contatos extra, via Teams, com os alunos que requeriam maior atenção...mas foi muito desgastante, confesso...
P2	Estive muito atenta aos contextos dos alunos com mais dificuldade e forneci materiais aos encarregados de educação desses alunos. As dificuldades eram imensas, porque tinha alunos imigrantes, que ainda estavam num processo de integração no país e alunos com tantas dificuldades económicas que não possuíam o computador. Essas situações exigiram muito tempo de contacto com os encarregados de educação. Estive muitas horas online com alunos com dificuldades de aprendizagem e também prestei apoio online a uma aluna de educação especial com síndrome de Down.
P3	Sim, dentro do possível. Na modalidade de Ensino à Distância, tentei estar mais presente tanto para os alunos como para os pais, dos alunos que precisaram de maior acompanhamento. O trabalho proposto também era diferenciado, sempre com indicações muito concretas, na perspetiva do adulto próximo conseguir acompanhar o trabalho desenvolvido, sem criar ansiedade em todos os envolvidos, tendo em conta esses tempos estranhos que vivemos fechados e atrás de um monitor.
P4	Durante a pandemia, também houve trabalhos enviados por zoom de acordo com as especificidades de alguns alunos.
P5	Antes, durante a pandemia e ainda recentemente apliquei apenas os métodos já anteriormente referidos e também o ensino à distância, a que tive de me adaptar.
P6	Não foi possível.
P7	Sim. Aulas de níveis diferenciados para o mesmo grupo.
P8	Criando salas virtuais para acompanhar os alunos que não estavam a acompanhar as matérias. Criando vídeos explicativos com a matéria/os conteúdos a ensinar, adaptados às crianças com dislexia, por exemplo. Deixando mais tempo para concretização dos trabalhos. Registando/corrigindo com apontamentos/comentários os trabalhos escritos.
P9	Durante o contexto de pandemia, fui professora de apoio educativo. Desenvolvemos atividades por meio da tecnologia (online).

P10	Eu não tinha conhecimentos tecnológicos e pensar em estratégias de trabalho online foi muito difícil. Mande tarefas adaptadas a diversos alunos.
-----	--

Professores	<b>Pergunta 15 - Considera que foram práticas eficazes?</b>
P1	Foram, mas volto a reforçar...muito desgastantes...
P2	As aulas à turma serviram para orientar os encarregados de educação, que estavam muito desorientados. Não me parece que tenham ajudado especialmente os alunos. As aulas de apoio educativo online pareceram-me importantes, porque envolveram os encarregados de educação no processo de aprendizagem e revelaram-se eficazes em relação à aprendizagem dos alunos.
P3	Na maioria dos casos sim, mas todo o contexto vivido tornou a aprendizagem menos natural ou intuitiva. A escola é um local de dinâmicas muito próprias, impossível de recriar em casa, por muito acompanhamento e disponibilidade que se possa ter. A parte social, a parte prática de mexer em materiais, de discussão e troca de ideias, é fundamental na aprendizagem.
P4	Considero que o ensino à distância não cumpre os objetivos da Educação.
P5	Tanto quanto possível, procurei que fossem eficazes, introduzindo também as alterações que me pareceram convenientes, nem sempre ficando satisfeita.
P6	-----
P7	Os resultados foram positivos.
P8	Julgo que sim. Houve evolução, apesar do contexto(ensino à distância) não ser o mesmo que o presencial e o “realmente proveitoso”.

P9	As práticas foram eficazes. No entanto, saliento a importância de desenvolver estratégias de forma presencial. As crianças precisam do contato e da interação uns com os outros. Acredito que as aprendizagens e competências são desenvolvidas de forma mais eficaz, em modo presencial.
P10	Houve necessidade de criar novas actividades e estratégias de adequação. Foi necessário pensar " fora da caixa". Foram deixadas fichas de trabalho na escola para alunos que não tinham computador.

Professores	<b>Pergunta 16 - A pandemia trouxe novas competências para as suas práticas de ensino-aprendizagem? Dê exemplos.</b>
P1	A pandemia trouxe muitas coisas pouco positivas, a meu ver... A única que considero positiva, foi a forma como todos, professora/alunos, de forma forçada, passamos a lidar com as tecnologias. Na altura estava com uma turma do 2.º ano e fiquei impressionada como conseguimos cumprir o programa durante o E@D. A partir daí, as minhas práticas em sala de aula, passaram a incluir, de forma muito frequente, a utilização das competências digitais.
P2	As potencialidades oferecidas pela escola virtual e a oportunidade de marcar tarefas através da escola virtual ou no Teams foi uma possibilidade que vou aproveitar no futuro. O estudo em casa também me pareceu muito proveitoso, em alguns aspetos. Sempre valorizei o contributo das novas tecnologias, mas, neste momento, compreendo melhor como poderão ser rentabilizadas na área da educação.
P3	Sim, fui obrigada a desenvolver as minhas competências digitais a vários níveis. Durante o Ensino à Distância, de forma a cativar o interesse e participação dos alunos, procurei utilizar jogos interativos e vídeos temáticos, em sites ou aplicações, que anda hoje recorro quando faz sentido.
P4	Não considero que tenha havido novas competências.

P5	No que se refere ao ensino à distância, a que tive de me adaptar, nalguns poucos casos, sim. Também nos meus métodos habituais, sempre que possível, substituí o manuseamento de materiais pedagógicos, que elaboro, utilizando mais as gravações sonoras e o vídeo, o que me obrigou a aprender outras formas de tratamento destes meios audiovisuais.
P6	Apenas aprofundei a utilização das novas tecnologias, nomeadamente as diferentes plataformas.
P7	Algumas. Principalmente a a utilização das plataformas digitais em contexto de aula.
P8	A nível emocional/psicológico foi muito desgastante. Não levo boas recordações do ensino à distância. Com uma criança pequena em casa não é possível tirar proveito deste tipo de ensino.
P9	Sim. Durante a pandemia, desenvolvi novas competências nas práticas de ensino aprendizagem, nomeadamente o acesso e construção de novas plataformas digitais, elaboração de questões/formulários a partir do Google Forms, preparação de uma aula online na Microsoft Teams, entre outros.
P10	Houve necessidade de criar mais competências a nível tecnológico. Fomos aprendendo uns com os outros.

## 2.<sup>a</sup> Unidade de análise

Temas	Subtemas	Unidades de Contexto
<p><b>Tema 1</b></p> <p>Representações sobre Educação Inclusiva e Diferenciação Pedagógica</p>	<p><b>Subtema 1.1.</b></p> <p>Conceções sobre Educação Inclusiva</p>	<p><b>P3:</b> Educação inclusiva, de uma forma muito geral, é uma abordagem em sala de aula em que todos participam, todos estão incluídos no desenvolvimento de uma determinada atividade/tarefa.</p> <p><b>P6:</b> É uma educação direcionada para todos os alunos, independentemente das suas diferenças, ritmos e estilos de aprendizagem.</p> <p><b>P7:</b> É um direito de todos à educação.</p>

		<p><b>P9:</b>Na minha opinião, a Educação Inclusiva permite abranger todas as crianças/jovens no ensino regular, atendendo às suas necessidades individuais. A Educação Inclusiva respeita a individualidade/singularidade de cada ser e permite encontrar respostas educativas eficazes que ajudam na evolução holística das crianças/jovens.</p>
	<p><b>Subtema 1.2.</b></p> <p>Conceções sobre Diferenciação pedagógica</p>	<p><b>P1:</b> É um ensino individualizado, adaptado às especificidades apresentadas por cada aluno.</p> <p><b>P2:</b> A diferenciação pedagógica tem em conta a avaliação e adapta o ensino às características do aluno. Por isso tem em consideração as suas potencialidades e dificuldades.</p>

		<p><b>P4:</b> A Diferenciação Pedagógica é a procura de estratégias adequadas aos diferentes alunos, encontrando-se eles em diferentes níveis de aprendizagem.</p> <p><b>P9:</b> Na minha opinião, Diferenciação Pedagógica significa encontrar diferentes metodologias e estratégias que possam ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades e a progredirem nas suas aprendizagens, nas diferentes áreas de conhecimento.</p>
<p><b>Tema 2</b></p> <p>Diferenciação Pedagógica em sala de aula</p>	<p><b>Subtema 2.1.</b></p> <p>Práticas pedagógicas</p>	<p><b>P2:</b> Os alunos agrupados por níveis de conhecimento é uma forma de organização que ajuda o professor a exercer a sua função de gestor da aprendizagem, que preparou trabalhos diferente para cada grupo de alunos. Outras vezes, misturar nos grupos alunos</p>

		<p>com diferentes níveis de conhecimentos também ajuda, quando o trabalho é de colaboração. Através de um computador com um programa educativo adequado o aluno poderá consolidar e aplicar alguns conhecimentos. A correção automática feita pelos computadores também ajuda a esta diferenciação pedagógica. No entanto, esta atividade implica que estejam disponíveis computadores para alguns alunos. A utilização de audiovisual também é muito útil, porque motiva e ajuda a memorizar, ao mobilizar todos os sentidos no processo de aprendizagem. No entanto, tudo isto implica que os recursos estejam disponíveis e funcionem, o que nem sempre acontece.</p> <p><b>P6:</b> Ao trabalhar com uma turma composta por alunos que possuem diferentes ritmos de aprendizagem, tento</p>
--	--	--

		<p>aplicar várias atividades de conteúdos iguais ou diferentes, respeitando sempre o tempo de cada criança. Penso que a criatividade do professor é um dos pontos-chave para lidar com esta situação e para tornar uma aula diferente e animada. Boas estratégias passam por propor aos alunos trabalhos de grupo, realização de posters temáticos, de dramatizações, de jogos didáticos, etc., tentando melhorar o desempenho daqueles alunos que apresentam uma evolução mais lenta na sua aprendizagem.</p> <p><b>P7:</b> Trabalho de pares e de grupos. Trabalho diferenciado em sala de aula e em casa com a família. Tutoria entre alunos e com o professor.</p>
--	--	--

		<p><b>P8:</b> Dar mais tempo; explicar oralmente as instruções as vezes que forem necessárias; adaptar os materiais; criar tutorias dentro de cada grupo; privilegiar o tempo de estudo autónomo para que as crianças construam o seu próprio caminho, tendo mais consciência do percurso e dos objetivos a atingir; realizar muitos trabalhos de projeto, seguindo os gostos dos alunos e partindo daí para uma aprendizagem mais significativa.</p>
	<p><b>Subtema 2.2.</b> Desafios e Oportunidades</p>	<p><b>P3:</b> Na minha perspetiva, o tempo e a pressão de cumprir um determinado programa. Pensar em cada um dos alunos, na forma adequada de chegar a cada um deles e gerir um currículo, é algo que nem sempre é realista e alcançável.</p>

		<p><b>P4:</b> O tempo, esforço e dedicação fora do tempo de aula na planificação e preparação das atividades.</p> <p><b>P7:</b> Principalmente o número elevado de alunos nas turmas e a falta de recursos materiais e humanos nas escolas.</p> <p><b>P8:</b> Falta de material, conhecimento sobre a especificidade de cada caso e falta de acompanhamento de professores de ensino especial.</p> <p><b>P 10:</b> O tamanho das turmas é um ponto fulcral. E se acrescentarmos as dificuldades dos alunos, é muito exigente para o professor e os currículos são exagerados, pois os alunos não têm maturidade suficiente para os compreender.</p>
--	--	---

	<p><b>Subtema 2.3.</b></p> <p>Avaliação</p>	<p><b>P2:</b> Avalio os trabalhos que os alunos produzem, a forma como se expressam, oralmente, plasticamente, e a linguagem não-verbal utilizada. A forma como se integram nas atividades e como cumprem as regras, o ritmo de trabalho. Tudo fornece elementos de avaliação, mas também preparo diversos instrumentos de avaliação, quando tenho na turma alunos com níveis de conhecimentos diferentes.</p> <p><b>P3:</b> Na minha opinião, a avaliação é feita diariamente. Através da participação, do envolvimento nas atividades e nas tarefas propostas. Para além disso, a avaliação também é feita semanalmente através do Plano Individual de Trabalho, por eles e por mim. Cada um é responsável por essa avaliação. Se trabalhou bem, muito ou pouco, e se foi ao encontro das suas dificuldades. Em alunos com mais</p>
--	---	---

		<p>dificuldades, com acomodações definidas pelo decreto-lei nº54/2018, adapto as fichas de avaliação que fazemos no final de cada período, tanto em forma, como em tempo disponível, ou até mesmo em conteúdo.</p> <p><b>P5:</b> A avaliação das diferentes competências é feita através da observação e análise diária, atenta e constante de cada aluno permitindo ao professor entender o ritmo da sua aprendizagem. Além desta avaliação contínua também se elaboram testes ligeiramente diferenciados e adaptados às capacidades em presença.</p> <p><b>P9:</b> Verificar se a avaliação das aprendizagens respeitou as medidas adotadas no Projeto Educativo Individual (PEI) de cada aluno. Se a elaboração dos</p>
--	--	--

		<p>instrumentos utilizados respeitou a planificação e se procurou que os mesmos fossem inovadores e eficazes. Na avaliação utilizaram-se diferentes procedimentos: avaliação de diagnóstico, observação direta, avaliação contínua e avaliação trimestral. O resultado da avaliação dos alunos foi utilizado na preparação, organização e realização das atividades. Procurei reformular e readaptar a planificação anterior, fornecendo orientações adequadas aos alunos que lhes permitissem obter melhores resultados escolares. Recorreu-se a instrumentos de trabalho que proporcionassem aos alunos a sua autoavaliação.</p>
--	--	--

<p><b>Tema 3</b></p> <p>Formação Especializada</p>	<p><b>Subtema 3.1.</b></p> <p>Formação realizada</p>	<p><b>P1:</b> Apenas frequentei algumas ações de formação, que no meu entender, de pouco serviram. A urgência para que a Educação Inclusiva seja bem-sucedida passa por um reforço de recursos humanos e materiais nas escolas, o que não acontece.</p> <p><b>P2:</b> Em 2021, participei num encontro digital dinamizado por Eduardo Sá intitulado “Saúde Mental para professores e alunos! ”Em 2019, concluí a formação de 25 horas, organizada pelo Centro de formação do SIPE “Compreender Educação inclusiva: sistematizar práticas de inclusão” com a avaliação de 10 valores. Também participei numa ação de formação, de 4 horas, intitulada “Cidadania e desenvolvimento – operacionalização do currículo”, organizada pelo Centro de Formação de escolas do Porto Ocidental. Em 2018,</p>
--	--	---

		<p>concluí com 9 valores uma formação contínua de 25 horas em Microsoft Excel na atividade docente – nível intermédio organizado pelo Centro de Formação das escolas de Porto Ocidental. Em 2013, participei numa ação de sensibilização pró-saúde mental com a duração de uma hora e trinta, no âmbito do projeto “Professores UPA”. Em 2013, também frequentei uma ação de formação de 50 horas organizada pela escola superior de educação Paula Frassinetti intitulada “Metodologia da escrita e da leitura” que concluí com 9 valores. Em 2010, frequentei uma ação de formação de 25 horas intitulada “Tecnologias de apoio no processo de ensino-aprendizagem inclusivo a alunos com necessidades educativas especiais” organizada pela Escola Superior de Educação Paula</p>
--	--	--

		<p>Frassinetti. Em 2009, frequentei uma ação de formação de 50 horas, organizada pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e intitulada “Curso de Formação em Educação Especial” A minha formação contemplou a educação especial, as novas tecnologias e a cidadania, porque considero serem áreas complementares. No entanto, também fiz uma atualização na minha área específica de ensino da escrita e da leitura.</p> <p><b>P3:</b> Quando saíram os decretos de lei nº54 e 55 de 2018, tive uma formação sobre os mesmos, numa perspetiva de pôr em prática a Educação Inclusiva.</p> <p><b>P5:</b> Embora pareça que se encontre disposta a obrigatoriedade por parte dos estabelecimentos de ensino e das suas direções pedagógicas de proporcionar aos</p>
--	--	--

		<p>respetivos docentes, ações de formação nesta área, nunca tal me foi proporcionado e a minha autoformação resultou especialmente da necessidade decorrente da confrontação com este tipo de situações, nomeadamente a dislexia e o autismo, para o que concorreu a interajuda com colegas, educadoras e terapeutas e também a preparação que adquiri a partir de alguma pesquisa que efetuei. No entanto, não ignoro as grandes dificuldades que cada caso apresenta, nem sempre passíveis ou mesmo impossíveis de superar.</p> <p><b>P6:</b> “Práticas pedagógicas promotoras da inclusão”.</p> <p><b>P8:</b> Nenhuma. Apenas leituras e interesse próprio na pesquisa.</p> <p><b>P9:</b> Neste momento, não tenho formação</p>
--	--	--

		<p>na área da Educação Inclusiva.</p> <p><b>P10:</b> Fiz uma especialização em Educação Especial e depois prossegui para o mestrado em Psicologia Educacional.</p>
	<p><b>Subtema 3.2.</b></p> <p>Propostas de Temáticas</p>	<p><b>P3:</b> Uma formação com uma componente muito prática, na construção de materiais e de estratégias de sala de aula eficazes.</p> <p><b>P6:</b> Diversas formações sobre cada uma das problemáticas mais frequentes: Autismo, Trissomia 21, baixa visão...</p> <p><b>P7:</b> Diversificação de estratégias.</p> <p><b>P10:</b> Devia haver cadeiras anuais em Educação Especial nos cursos de Educação</p>

<p><b>Tema 4</b></p> <p>Diferenciação Pedagógica em Período Excepcional de Pandemia</p>	<p><b>Subtema 4.1.</b></p> <p>Adequabilidade (acomodações e adaptações) na gestão da turma</p>	<p>P1: Mantive contatos extra, via Teams, com os alunos que requeriam maior atenção.</p> <p>P2: Estive muito atenta aos contextos dos alunos com mais dificuldade e forneci materiais aos encarregados de educação desses alunos. As dificuldades eram imensas, porque tinha alunos imigrantes, que ainda estavam num processo de integração no país e alunos com tantas dificuldades económicas que não possuíam o computador. Essas situações exigiram muito tempo de contacto com os encarregados de educação. Estive muitas horas online com alunos com dificuldades de aprendizagem e também prestei apoio online a uma aluna de educação especial com síndrome de Down.</p>
---	--	---

		<p>P3: Na modalidade de Ensino à Distância, tentei estar mais presente tanto para os alunos como para os pais, dos alunos que precisaram de maior acompanhamento. O trabalho proposto também era diferenciado, sempre com indicações muito concretas, na perspectiva do adulto próximo conseguir acompanhar o trabalho desenvolvido, sem criar ansiedade em todos os envolvidos, tendo em conta esses tempos estranhos que vivemos fechados e atrás de um monitor.</p> <p>P8: Criando salas virtuais para acompanhar os alunos que não estavam a acompanhar as matérias. Criando vídeos explicativos com a matéria/os conteúdos a ensinar, adaptados às crianças com dislexia, por exemplo. Deixando mais tempo para concretização dos trabalhos</p>
--	--	--

		<p>Registando/corrigindo com apontamentos/comentários os trabalhos escritos.</p>
	<p><b>Subtema 4.2.</b> Competências Adquiridas</p>	<p>P2: As potencialidades oferecidas pela escola virtual e a oportunidade de marcar tarefas através da escola virtual ou no Teams foi uma possibilidade que vou aproveitar no futuro. O estudo em casa também me pareceu muito proveitoso, em alguns aspetos. Sempre valorizei o contributo das novas tecnologias, mas, neste momento, compreendo melhor como poderão ser rentabilizadas na área da educação.</p> <p>P3: Fui obrigada a desenvolver as minhas competências digitais a vários níveis. Durante o Ensino à Distância, de forma a cativar o interesse e participação dos alunos, procurei utilizar jogos interativos e</p>

		<p>vídeos temáticos, em sites ou aplicações, que anda hoje recorro quando faz sentido.</p> <p>P9: Durante a pandemia, desenvolvi novas competências nas práticas de ensino aprendizagem, nomeadamente o acesso e construção de novas plataformas digitais, elaboração de questões/formulários a partir do Google Forms, preparação de uma aula online na Microsoft Teams, entre outros.</p> <p>P10:Houve necessidade de criar mais competências a nível tecnológico. Fomos aprendendo uns com os outros.</p>
	<p><b>Subtema 4.3.</b></p> <p>Reflexão sobre Atuação Pedagógica</p>	<p>P2: As aulas à turma serviram para orientar os encarregados de educação, que estavam muito desorientados. Não me parece que tenham ajudado especialmente os alunos. As aulas de apoio educativo online pareceram-me importantes, porque</p>

		<p>envolveram os encarregados de educação no processo de aprendizagem e revelaram-se eficazes em relação à aprendizagem dos alunos.</p> <p>P3: Na maioria dos casos sim, mas todo o contexto vivido tornou a aprendizagem menos natural ou intuitiva. A escola é um local de dinâmicas muito próprias, impossível de recriar em casa, por muito acompanhamento e disponibilidade que se possa ter. A parte social, a parte prática de mexer em materiais, de discussão e troca de ideias, é fundamental na aprendizagem.</p> <p>P5: Tanto quanto possível, procurei que fossem eficazes, introduzindo também as alterações que me pareceram convenientes, nem sempre ficando satisfeita.</p>
--	--	--

		<p>P9: As práticas foram eficazes. No entanto, saliento a importância de desenvolver estratégias de forma presencial. As crianças precisam do contato e da interação uns com os outros. Acredito que as aprendizagens e competências são desenvolvidas de forma mais eficaz, em modo presencial.</p>
--	--	--